

# ESTÂNCIA TERMAL ESPAÇO VERDE TERMAL

---

CATALISADOR URBANO DAS CALDAS DA RAINHA

RUI PAULO CONTENTE RODRIGUES

---

**DISSERTAÇÃO DE Mestrado Integrado em Arquitectura**

---

APRESENTADO AO// **DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA DA FCTUC**  
SOB A ORIENTAÇÃO DO// **PROFESSOR DOUTOR JOÃO PAULO CARDIELOS**

---

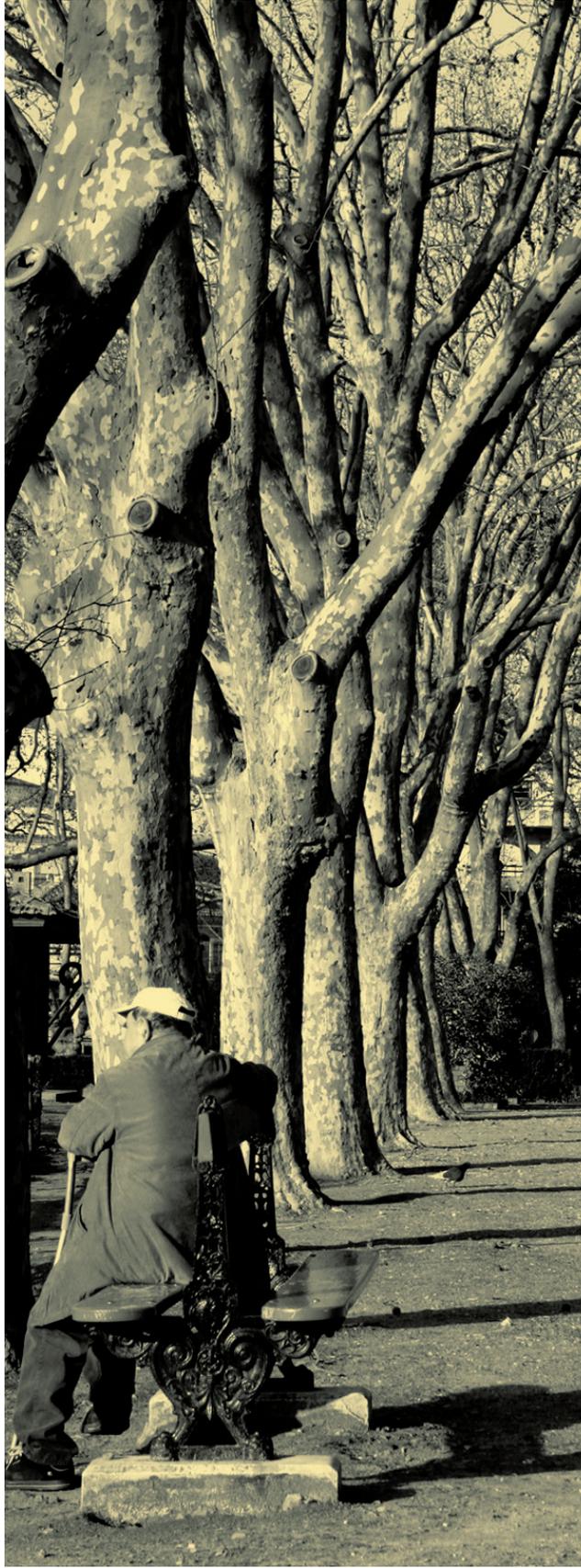
DEZEMBRO 2011



**FCTUC**









# ESTÂNCIA TERMAL ESPAÇO VERDE TERMAL

CATALISADOR URBANO DAS CALDAS DA RAINHA



## AGRADECIMENTOS.

---

07

// ESTÂNCIA TERMAL-ESPAÇO VERDE TERMAL - CATALISADOR URBANO DAS CALDAS DA RAINHA /

Ao António, Cristina e Filipa.

Ao Professor Doutor João Paulo Cardielos,

fica o agradecimento pelas conversas sobre temas, além do tema.

Os amigos nunca cabem num obrigado, por muito extenso que seja.

Por último, nunca em último, Zé, Maggie, Choco, Dory e Jules

que apesar de não saberem estiveram sempre por perto.



## ÍNDICE.

### P/011 **INTRODUÇÃO**

09

#### **1. Contextualização histórica: as águas e a atividade termal**

P/015 - Enquadramento internacional/ nacional.

P/021 - A água termal.

#### **2. Estudo Morfológico da cidade**

P/023 - Implantação do Hospital Termal e da Vila.

P/029 - Nos Tempos de D. João V

P/033 - Transição entre os séculos XIX e XX.

P/035 - Linha Férrea do Oeste

P/037 - O lugar das Termas

P/041 - No Século XX, A Cidade

P/043 - Planeamento urbano, anos 40

Paulino Montez e paralelismo com os planos à época do Duarte Pacheco.

P/057 - O caso concreto das Caldas da Rainha

P/063 - Leitura sobre a cidade de hoje.

#### **3. Espaço verde termal/ Estância termal**

P/075 - A Mata Rainha D. Leonor

P/079 - O Passeio da Copa

P/081 - Arquiteto Rodrigo Maria Berquó

Pavilhões do Parque, Hospital Termal, Parque D. Carlos I e Mata Rainha D. Leonor.

P/089 - Arquiteto Paulino Montez

Parque D. Carlos I.

P/091 - Arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral

Parque D. Carlos I e Mata Rainha D. Leonor.

P/097 **4. Estratégia para as Caldas da Rainha através da sua memória urbana.**

### P/111 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### P/115 **BIBLIOGRAFIA**

### P/125 **FONTE DE IMAGENS**

### P/129 **ANEXOS**



## INTRODUÇÃO.

*“Se quisermos lançar novos alicerces para a vida urbana, cumpre-nos compreender a natureza histórica da cidade e distinguir, entre as suas funções originais, aquelas que dela emergiam e aquelas que podem ser ainda invocadas.”*

### **Lewis Mumford, 1998**

Esta dissertação tem como propósito central a procura de um elemento catalisador aplicável a uma possível intervenção urbana sobre as Caldas da Rainha.

A pesquisa baseou-se em recolha do cumental realizada no Arquivo do Hospital e referenciou-se também em documentação já publicada sobre a Estância Termal. Neste sentido foi eleito como autor ou coordenador preferencial o arquiteto Jorge Mangorrinha. A escolha deste autor prende-se essencialmente com a consistência e coerência da sua pesquisa, condição que contrasta com o facto de terem sido encontradas algumas incongruências em diversas fontes pesquisadas.

Para o projeto, a visita ao local de intervenção, produz sempre alguma ideia ou conceito residuais que inspiram a memória. Depois da ausência e da distância o regresso à cidade e o recuperar de hábitos de frequência do Parque D. Carlos I, levaram a uma tomada de consciência relativamente ao estado do mesmo e relativamente à importância da sua presença na cidade.

A sumula deste conjunto de ideias aliadas ao contexto de desenvolvimento da dissertação de mestrado resulta na escolha do caso de estudo para o estudo em questão.

Nesta lógica, são abordadas várias teorias arquitetónicas e urbanísticas baseadas em diversos autores, dos finais do séc. XX e inícios do séc. XXI.

Sucintamente, a questão é analisada em quatro fases que incidem, em traços gerais, sobre as temáticas da morfologia da cidade desde a sua génese até à contemporaneidade, sobre o seu crescimento e anatomia e também, sobre aquilo que constituiu o passado; o que configura o seu presente; e o que poderá constituir no futuro o principal fator de desenvolvimento da urbe.

O estágio primeiro deste processo, refletiu sobre o nascimento do aglomerado urbano que se inscreve na atual cidade das Caldas da Rainha. Procurou compreender também em que medida este aglomerado foi influenciado pela fundação do Hospital Termal (erigido por interesse de D. Leonor) e analisou as reformas de D. João V que surgiram no sentido da modernização do estabelecimento termal. Tendo por base as intervenções dos dois monarcas, foi examinada a expansão urbana da cidade durante esse período temporal.



## INTRODUÇÃO.

Numa segunda fase analisou-se a transição entre os séculos XIX e XX, sob a lupa do contexto em questão.

Posteriormente, numa terceira fase, foram abordados os planos do arquiteto Paulino Montez para as Caldas da Rainha, que alteraram e definiram uma imagem para a cidade. Analisaram-se também outros planos à época de Duarte Pacheco, por forma a perceber a atuação dos agentes motivacionais que fixaram a elaboração do plano de Regularização, Extensão e Embelezamento de 1941, e do Plano Geral de Urbanização de 1949 das Caldas da Rainha, ambos da responsabilidade do arquiteto Paulino Montez.

Por último e no sentido de soma ou sùmula daquilo que foram as questões analisadas nas fases anteriores, avaliou-se criticamente o contexto da atual cidade, com vista à posterior definição estratégica de uma possível filosofia de intervenção urbana.

Cumprido o processo de análise surge a impaciência da questão: será que existe um elemento catalisador capaz de motivar uma proposta urbana a realizar na cidade de Caldas da Rainha?

No sentido da resposta, foi selecionado um potencial elemento catalisador posteriormente estudado sobre a ótica de três arquitetos, que registaram as mais influentes transformações sobre o conjunto de estruturas que compõem o elemento catalisador eleito - Parque D. Carlos I e Hospital Real (Pavilhões do Parque). Primeiramente é estudado o percurso do arquiteto Rodrigo Berquó enquanto administrador do Hospital, quais as reformas introduzidas no Parque, Mata e Estância Termal dando especial destaque ao Parque D. Carlos I e Hospital Real (Pavilhões do Parque). Em seguida é analisada a intervenção do arquiteto Paulino Montez e por último sã as intervenções do arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral.

Depois de estudado o elemento catalisador, importou perceber a sua real capacidade de resposta, competência e potencial necessário para solucionar as seguintes questões:

Qual o percurso a seguir? Qual a amplitude e conceito a explorar?

O enquadramento socioeconómico atual, em particular no caso português, impõe que sejam levantadas questões, que sejam estudadas possibilidades existentes, que sejam ponderadas hipóteses que abram caminho para novas estratégias de desenvolvimento, talvez menos convencionais e mais eficazes, na sequência de estudos de caso relevantes e explorados ao longo do tempo.

Através do que foi definido pela Universidade de Coimbra a presente dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura foi redigida ao abrigo do novo acordo ortográfico.



## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: AS ÁGUAS E A ATIVIDADE TERMAL

ENQUADRAMENTO INTERNACIONAL/ NACIONAL.

Ø15

// CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA /

Neste capítulo é introduzido o tema da atividade termal e nesse sentido, é analisada a importância da água termal no contexto das civilizações Grega e Romana e também, a influência desta para os povos que posteriormente vieram a ocupar o território nacional.

É igualmente analisado o percurso da atividade termal pelo território nacional, não deixando de incluir um enquadramento à abordagem internacional relativamente ao culto do banho.

Por último, são definidas as características necessárias compreendidas na denominação de água termal.

No século VI a.C. Tales de Mileto definiu a água como origem de todas as realidades. A água é entendida também como símbolo de vida e desde os primórdios, é venerada pelo Homem como elemento de propriedades extraordinárias.

Podem ser designados vários exemplos em contexto religioso nos quais a água desempenha um papel fulcral, nomeadamente o banho ritual Hindu no Ganges; o uso da água benta nas igrejas católicas ou o ritual do batismo nos cristãos.<sup>01</sup>

O culto do banho percorre um denso percurso histórico remontando à cultura minoica que beneficia amplamente da descoberta. O culto do banho é posteriormente herdado pela civilização romana.

A terminologia termal, “*thermài*” em grego, foi usada por Platão para descrever os banhos quentes. Tendo por base esse conceito de fundo, foram introduzidas novas rotinas, designadamente os banhos públicos. Estes tinham como objetivo primeiro a higiene pessoal diária que antecedia a refeição noturna, podiam também ser aplicados no sentido da cura física e desportiva, mas não só: frequentemente serviam de pretexto para discutir os problemas da cidade.

Na Europa, o termalismo conheceu o esplendor com o Império Romano que de modo algum circunscreveu a sua ação ao uso do conhecimento adquirido. Esta experiência foi canalizada no sentido de fazer prosperar a prática do termalismo e a sua funcionalidade; as termas foram proliferando por todo o império.

As “*thermae*” serviam o propósito de ginásio helénico, por outro lado as “*balnea*”, designavam as termas curativas que nasciam da ocorrência de nascentes termais, apesar de serem dispostas da mesma forma que as primeiras, conjugavam as funções higiénica, estética e curativa. Em Roma as



## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: AS ÁGUAS E A ATIVIDADE TERMAL

ENQUADRAMENTO INTERNACIONAL/ NACIONAL.

Ø17

// CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA /

grandes termas eram acessíveis a qualquer estrato social e acumulavam a funcionalidade dos banhos com outras ofertas, permitindo aos frequentadores o acesso a bibliotecas, sala de conferências, estabelecimentos comerciais, jardins, entre outras estruturas.

Com a queda do Império Romano o termalismo entrou em declínio, não só porque no rol de prioridades dos povos invasores não constava a atividade termal, mas também pelo posicionamento da igreja relativamente a este contexto. O termalismo era tido como ato pagão e os banhos eram consentidos em exclusivo, com finalidade terapêutica/ medicinal.

Apesar do abandono das estâncias termais e da consequente degradação material, a tradição dos banhos e as inerentes propriedades não deixaram de ser consideradas. Nesse sentido a influência salutar das águas, tornou vulgar a denominação e a convicção que as caracterizou como “águas santas”. O poder eclesiástico, apropriando-se da influência da fé e da convicção dos fiéis, erigiu conventos nas imediações de fontes termais.

Durante o século XIII foi reconstruído um número substancial de estâncias termais. Esta reconstrução foi motivada por factores como o crescente interesse na hidroterapia, a sucessão de consideráveis mudanças económicas e o regresso dos cruzados do oriente que trouxe um revigorado interesse pelo cuidado com o corpo.

Como refere Luís Aires-Barros, com o Renascimento foram introduzidos novos métodos de cura para além do banho, designadamente as terapias inalatória, sudatória e o uso de lamas. Nesta época e com o ressurgir da vida citadina, os estabelecimentos balneares multiplicaram-se, só em Paris em 1292, existiam 36 estabelecimentos.

No início do século XVIII o termalismo enquadra-se num quadrante de cariz turístico-termal, mudando efetivamente a forma como era encarada a atividade. No século seguinte surgiram numerosos estudos com o propósito de atestar e reconhecer as claras ações benéficas das termas, atribuindo-lhes uma qualidade científica que incitou o florescimento do termalismo. O crescimento da atividade, verificou-se também em Portugal.

Relativamente ao caso Português o uso das águas minerais remonta á ocupação da Península Ibérica por parte dos romanos. Encontramos marcas dessa presença em locais como Vidago, Chaves, São Pedro do Sul, Briteiros entre outros.

Com as invasões bárbaras as estâncias termais foram em grande parte destruídas, posteriormente foram registados sinais de reconstrução e frequência com a presença visigótica.



## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: AS ÁGUAS E A ATIVIDADE TERMAL

ENQUADRAMENTO INTERNACIONAL/ NACIONAL.

No decurso da idade média o declínio voltou a agravar-se, os conhecimentos científicos foram-se perdendo e as águas começam a ser associadas a determinados poderes sagrados, como já tinha sido referido.

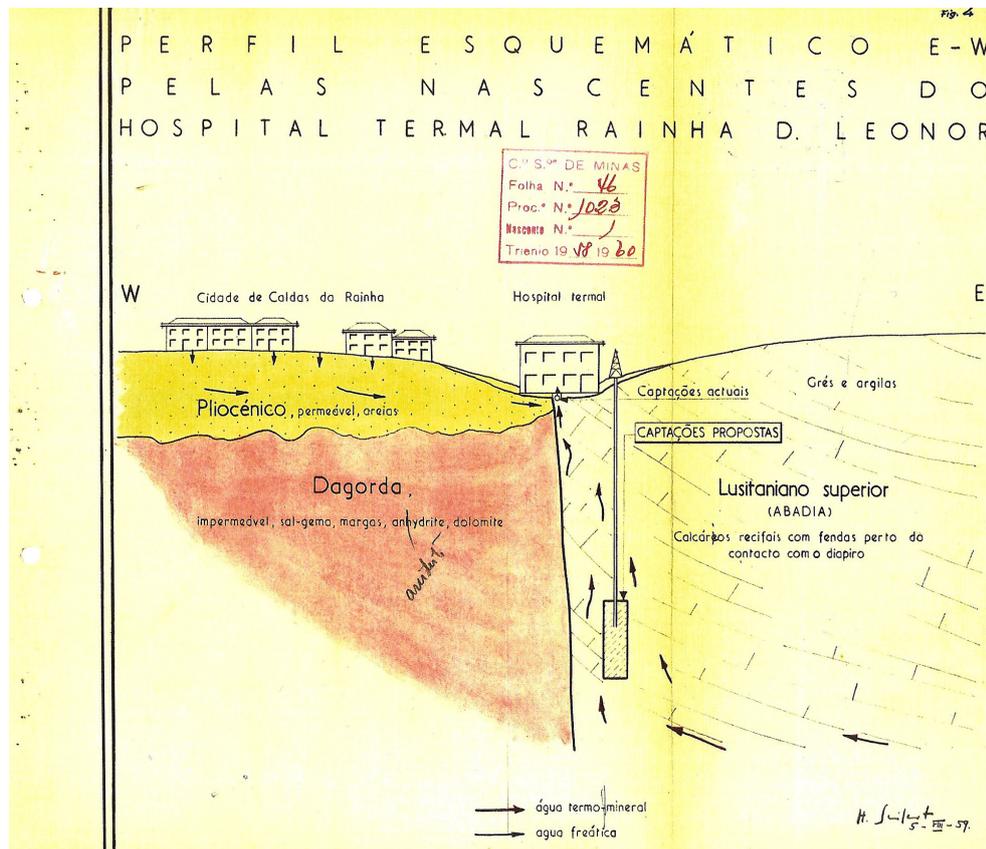
“Aquando da fundação da Nacionalidade, poucas termas restavam; as únicas então frequentadas eram as de Alafões (São Pedro do Sul)”<sup>02</sup>, com o passar dos séculos, outras ressurgiram, como o estabelecimento Termal em Taipas ou o Hospital Termal das Caldas da Rainha.

Como referencia Luís Aires-Barros, as águas termais das Caldas da Rainha são geoquimicamente sulfúreas, sulfatadas, sódico-calcárias, magnesianas e levemente fluoretadas e emergem do subsolo a 35°C. A sua mineralização varia entre 2432 e 3097 mg/l e por isso são consideradas hipersalinas.

A água é um bem essencial à vida e afeta profundamente as atividades económicas de produção de bens e serviços, isto porque “ao contrario de outros recursos, não pode ser substituído na maior parte das suas utilizações.”<sup>03</sup> Assim sendo a água é responsável pelo prosperar das civilizações, não sendo “somente” imprescindível para a vida de cada um e de todos mas também um elemento capaz de proporcionar bem-estar social.

// 01. Perfil esquemático pelas nascentes do Hospital Termal Rainha D. Leonor. 5 de Agosto de 1959.

Ø20



## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: AS ÁGUAS E A ATIVIDADE TERMAL

### A ÁGUA TERMAL.

No contexto do termalismo, uma água mineral caracteriza-se “pela sua natureza tipificada pelo teor em sais minerais; oligoelementos ou outros constituintes, pela sua pureza original e pela estabilidade da sua composição, temperatura e débito.”<sup>04</sup>

As características das águas são o resultado de um processo, em que água adquire propriedades das zonas geológicas que atravessa. É portanto evidente a necessidade de preservar e salvaguardar a manutenção da caracterologia das águas termais.

“É preciso nunca esquecer que uma água termal é o produto da circulação subterrânea da água em condições especiais. São estas condições especiais que lhe conferem a composição geoquímica típica, o geocalor e o débito. São estas características que conferem à água termal as propriedades favoráveis à saúde que devem ser apreciadas e preservadas a todo o transe.”



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

IMPLANTAÇÃO DO HOSPITAL TERMAL E DA VILA.

023

// ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE /

O percurso urbano das Caldas da Rainha está estreitamente ligado, à história da utilização da sua água termal. É importante destacar que outros fatores contribuíram para o crescimento da cidade, como é o caso da circulação viária e a proximidade com a capital. Mas de forma proeminente face a outros fatores, a estância termal assumiu um poderoso impacto e implicação tanto no plano estrutural como institucional.

Neste capítulo faremos uma análise Morfológica da cidade, desde o seu nascimento, até aos dias de hoje. O primeiro subcapítulo irá infletir sobre o nascimento do primeiro aglomerado urbano na atual zona da cidade das Caldas da Rainha, perceber em que medida este aglomerado foi influenciado pela fundação do Hospital Termal (erigido por interesse de D. Leonor) e analisar as reformas de D. João V, que vieram modernizar o estabelecimento termal. A partir destas duas intervenções será examinada a expansão urbana da cidade, durante esse período temporal.

A transição entre o século XIX e XX (segundo subcapítulo) ditou uma mudança na então vila das Caldas da Rainha, nomeadamente pelas intervenções higienistas de Rodrigo Berquó que tenta reformular a Estância Termal através da construção de um novo Hospital Real e de um Parque para os aquistas. Outro elemento de mudança é representado pela passagem da linha de caminho-de-ferro, que liga Lisboa a Leiria, favorecendo o turismo na Vila.

No terceiro subcapítulo, "Planeamento urbano, anos 40; Paulino Montez e paralelismo com os planos à época do Duarte Pacheco", é abordada a realidade urbanística portuguesa identificando os seus protagonistas e percebendo de que forma foram influenciados pela corrente urbanística europeia e americana.

É analisado o percurso arquitetónico de Paulino Montez e são igualmente analisados os planos à época de Duarte Pacheco por forma a perceber as motivações e influências que condicionaram a elaboração do plano de Regularização, Extensão e Embelezamento em 1941 e do Plano Geral de Urbanização de 1949 das Caldas da Rainha da autoria do arquiteto Paulino Montez.

No último subcapítulo "Leitura sobre a cidade de hoje", pretende-se descrever sucintamente o Plano Geral de Urbanização (PGU) das Caldas da Rainha e Plano Director Municipal (PDM). É também estudada a influência e consequências de ambos na cidade.

É abordado o conceito de cidade média, no qual a cidade das Caldas da Rainha está incluída e é analisada a dispersão urbana no concelho das Caldas da Rainha, por forma a perceber as movimentações e motivações dos seus habitantes.

// 02. Hospital termal em 28 de Março de 1747.

024



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

IMPLANTAÇÃO DO HOSPITAL TERMAL E DA VILA.

025

// ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE /

Na segunda década do século XIII surgem os primeiros registos do povoamento da atual Caldas da Rainha, na altura designada por Caldas de Óbidos. O povoado é descrito simplesmente como balneário.

O primeiro grande impulso dado no sentido do crescimento da povoação prendeu-se com a intenção de criar um Hospital por parte da Rainha D. Leonor em 1485, o “que parecia ser uma intervenção meramente reformadora cedo se converteu num projeto de implantação de um complexo novo e de grandes dimensões.”<sup>05</sup>. O programa, além de incluir um hospital termal, considerava também a construção de três piscinas, sete enfermarias num total de 110 camas, instalações administrativas, residências, igreja e posteriormente Câmara Municipal e cárcere. As obras realizadas mobilizaram certamente a economia da região (equipamento, abastecimento e mão-de-obra).

A igreja, casa da Câmara e Hospital, foram erguidas numa depressão no local das nascentes termais como refere Jorge de São Paulo.<sup>06</sup>

O edifício hospitalar abria as suas arcadas para uma praça que primeiramente era designada por praça nova, na parte posterior situava-se a igreja de Nossa Senhora do Pópulo. As águas termais corriam a céu aberto, atravessando a dita praça e prosseguindo por uma vala através da rua do Olival até desaparecer nos terrenos alagados do Largo da Água Quente.

Podemos presumir que as primeiras habitações se tenham fixado (durante os séculos XII e XIV) perto de um albergaria e de uma pequena capela administrada por uma ordem religiosa. Foi nessa zona que se instalaram os novos moradores, isto por volta do século XV.<sup>07</sup>

Em 1656 o arrolamento de propriedades urbanas pertencentes ao Hospital realizado por Jorge de São Paulo, permite supor como terá sido o percurso urbano das Caldas da Rainha. Na Rua Nova entre 1529 e 1534 foram edificadas duas dezenas de casas. Mais acima no Rossio do Espírito Santo, também há registo de cinco edificações por volta de 1529. Relativamente ao Rossio da Vila, em 1535 havia quatro casas e um arneiro.

Junto ao chafariz,ilharga da Ermida de S. Silvestre, também há referência a algumas habitações, fornos, quintais, e o mesmo se passa na Rua da Oliveira.

Este anel urbano, que circunscreve o complexo termal é composto por Praça, Volta dos Sinos, Calçada do Chafariz, Rua Nova, o Rossio do Espírito Santo, o Rossio da Vila e a embocadura da Rua da Oliveira.



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

IMPLANTAÇÃO DO HOSPITAL TERMAL E DA VILA.

027

// ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE /

Sinteticamente, as Caldas da Rainha formaram-se no século XVI em volta do seu complexo hospitalar. Podemos dizer conclusivamente que o seu “núcleo habitacional era composto pela Rua Nova e o Rossio do Espírito Santo para Sul e Oeste desse complexo”<sup>08</sup>

A direção do Hospital reservava uma zona arborizada ou destinada ao cultivo de vinha, que podemos identificar como sendo a atual zona do Parque D. Carlos I. Esta reserva bloqueou o crescimento urbano nessa direção, que fez surgir um novo Rossio a norte, menos condicionado, abrindo o crescimento da povoação nessa direção.

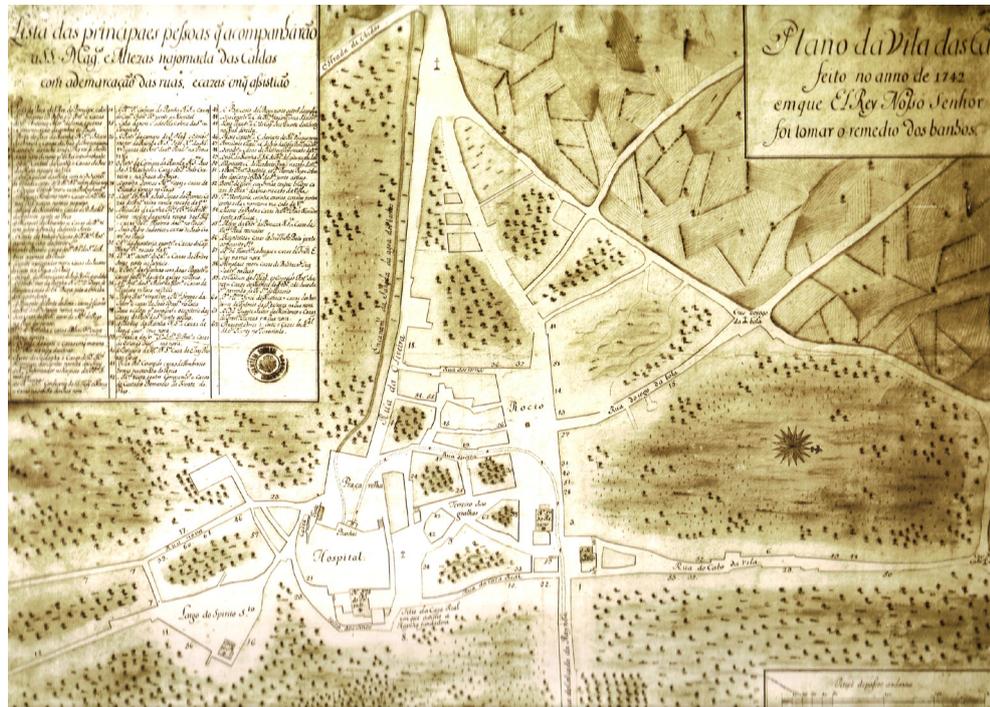
Os rossios portugueses, como caracteriza Orlando Ribeiro, eram praças construídas á margem das aglomerações, que serviam para realizar feiras e mercados onde proliferava o comércio. Com o aumento do aglomerado urbano acabam por ser absorvidos pela cidade.<sup>09</sup> Isto porque, nem sempre as cidades tinham condições para que o comércio se desenvolvesse nos sítios onde se concentrava o poder político e religioso, acabando por se desenvolver “em terrenos de fruição comum”<sup>10</sup>

Relativamente às Caldas da Rainha, passou-se exatamente a mesma situação, foi abandonada a praça do Hospital, em detrimento da criação de uma praça nova, é importante referir também, que esta mudança foi acelerada pela presença de águas termais em excesso que corriam a céu aberto na Rua Nova, o que fez com que o trânsito de pessoas e bens fosse deslocado, passando pela Praça Nova. Era comum ligar através de uma rua estas duas praças, a chamada Rua Direita, que de direita (geralmente) possuía apenas a denominação, mas que era sim a mais direta para chegar ao destino.

Assim podemos confirmar, como Paulino Montez afirmava no seu plano de urbanização das Caldas da Rainha em 1949, “a vila tomou corpo a partir das terras baixas do Largo da copa, sítio da praça velha: primeiro deixando o bairro do Espírito Santo, para subir francamente pelas encostas que conduzem ao Rossio”<sup>11</sup>

// 03. Planta atribuída a João Pedro Ludovice "Plano da Vila das Caldas feito no anno de 1742 em que El Rey Nosso Senhor foi tomar o remédio dos banhos".

// 04. Tabela de correspondência entre as designações das Praças e Ruas antigas e as designações atuais, por João B. Serra.



**Antiga designação**

**Atual designação**

Praça, Praça Velha	Largo Rainha D. Leonor, "Largo da Copa"
Rossio do Espírito Santo, Rossio das Vacas	Largo João de Deus
Rua Nova	Rua Rafael Bordalo Pinheiro
Volta dos Sinos	Rua Rodrigo Berquó
Rua do Hospital, Rua do Hospício, Rua da Casa Real	Rua Provedor Jorge de S. Paulo
Rossio, Praça Nova	Praça da República, "Praça da fruta"
Rua Direita	Rua da Liberdade
Rua dos Fornos	Rua do Parque
Rua da Oliveira, do Olival, Rua de Baixo	Rua de Camões
Rua do Cabo da Vila	Rua José Malhoa, Largo Héris de Naulila
Rua do jogo da ola	Rua Almirante Cândido dos Reis, "Rua das Montras"
Rua da Calçada da Rainha	Rua Diário de Notícias, "Rua do Chafariz das Cinco Bicas"
Rossio Pequeno, Terreiro das Galhas, Terreirinho	Largo Dr. José Barbosa
Cruz nova	Largo do Conselheiro José Filipe
Rua do Olival de Cima	Rua General Queirós
Água Quente	Largo Conde Fontalva "Largo da Rainha"

## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

NOS TEMPOS DE D. JOÃO V.

No princípio do século XVI, mais concretamente em 1509, já o Rossio da Vila se tinha tornado num polo da vida urbana, como se constata pela construção de uma ermida dedicada a S. Sebastião. Nos finais do mesmo século surge outra ermida a leste do Rossio. Em finais de 1656, a população das Caldas da Rainha já ascendia a 800 indivíduos, que ocupavam 193 fogos. A zona polarizada pelo Rossio concentrava mais de metade dos fogos, num total de 108.<sup>12</sup>

### Nos Tempos de D. João V

Em Maio de 1742 D. João V adoece gravemente, e parte para as Caldas dois meses depois em busca de concelho médico. Esta primeira visita, que depois se repetiria por mais treze ocasiões, solidificou a opinião do Rei relativamente á situação do Hospital e da Vila.

A primeira estadia do Monarca legou um importante documento, uma planta da vila realizada por um dos arquitetos reais (João Pedro Ludovice ou Custódio Vieira). Esta planta tinha como objetivo único, o de alojar convenientemente o Rei e a sua comitiva.

A leitura deste documento conjugada com o levantamento efetuado por Jorge de São Paulo na sua história do Hospital das Caldas, indica-nos que no decorrer destas oito décadas o perímetro urbano não terá crescido substancialmente, apesar do número de fogos ter aumentado de 193 para 300. A urbanização avançou "pelos terrenos compreendidos entre o eixo Hospital/ Rua do Olival de Baixo e o eixo Rossio/ Rua do Olival de Cima. A malha urbana ter-se-á densificado no Largo da Cruz Nova e no Rossio Pequeno (ou largo das galhas, ou terreirinho) e no quarteirão definido pela Rua Direita, pela Rua dos Fornos, pelo Rossio e pela Rua do Olival de Baixo."<sup>13</sup>

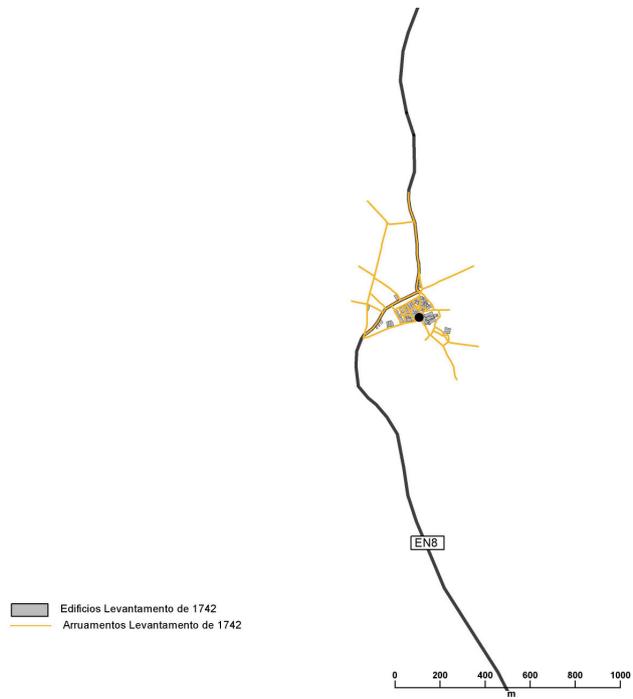
A visita real compreendia na sua comitiva 120 indivíduos, facto que causou um impacto inesperado na vila (a título de exemplo: foram ocupados 60 fogos dos 300 existentes). O contacto do Rei com a realidade Hospitalar e Termal foi frutífero. No ano do seu internamento, encarregou Manuel da Maia da realização de um trabalho de pesquisa sobre as águas termais, e da elaboração de um plano de intervenção no Hospital.

Em 1747 começou a ser demolida a obra antiga, isto porque o edificado existente estava demasiadamente enterrado relativamente á cota exterior.

// 05. Representação do núcleo central do aglomerado em 1742

// 06. Representação da expansão da cidade para Poente decorrente da construção da linha do Oeste

Ø30



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

NOS TEMPOS DE D. JOÃO V.

Foram igualmente demolidas algumas moradias, para que todo o Hospital ficasse insulado e livre de edifícios, mas também para que pudessem ser ampliadas as enfermarias, cozinha, vestuários, rouparias e outros. As casas da Câmara e cárcere foram também demolidas com esta reforma, passando a Praça do Rossio a albergar então os Paços do Concelho.

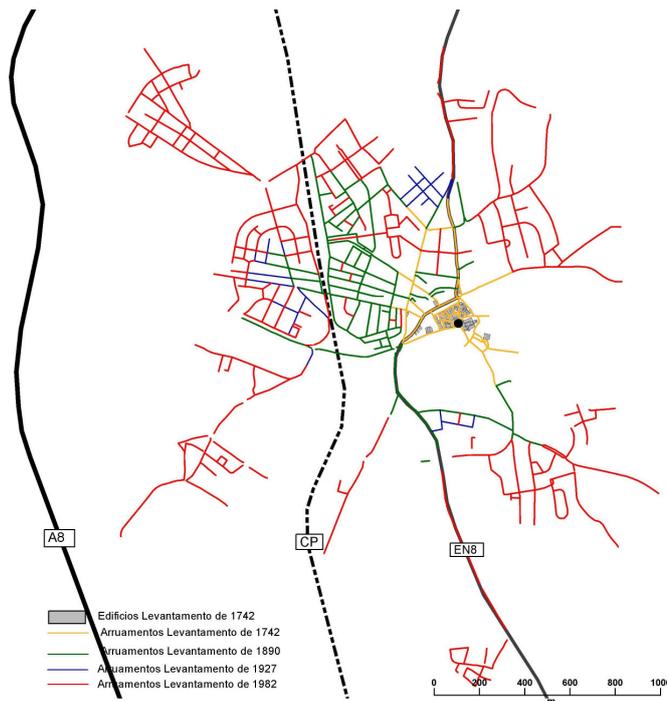
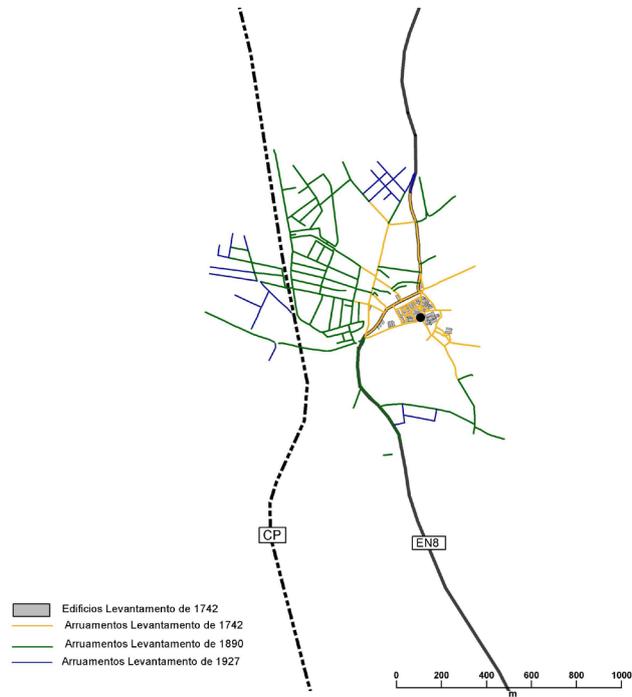
Manuel da Maia também se encarregou de solucionar o problema do abastecimento de água à vila, elaborando um plano de captação que transportava a água desde o Vale da Delgada até ao centro urbano. Para tal, foi necessário criar um aqueduto que levasse a água aos novos chafarizes da vila. O mais monumental situava-se no princípio da Calçada da Rainha, o outro no lado norte da praça e o terceiro entre o Espírito Santo e a fachada sul do Hospital.

Podemos considerar a intervenção de D. João V como a segunda intervenção urbanística nas Caldas da Rainha, na medida em que modificou significativamente a sua imagem. O Hospital Termal deixou de possuir um carácter exclusivamente solidário e, dado o nível de exigência dos novos utentes, com um considerável poder económico e substancial influência social, foi criado um espaço de lazer designado à época por Passeio da Copa. As obras ocorridas na Vila contribuíram para firmar o posicionamento das Termas das Caldas da Rainha relativamente ao panorama nacional.

O Passeio da Copa, que pode ser entendido como o princípio do atual Parque D. Carlos I, foi implantado numa parcela de terreno ao longo da Rua do Olival de Baixo.

- // 07. Representação da expansão da cidade para oeste e para norte a partir da vectorização dos arruamentos representados no Roteiro Guia de 1926.
- // 08. Evolução da estrutura na cidade das Caldas da Rainha até 1982

032



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

TRANSIÇÃO ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX.

Durante os finais do século XVIII e século XIX, a afluência Termal não parou de aumentar, passando de uma média anual de 1600 doentes para 2000. Desses, 15% são doentes em regime hospitalar externo, que procuram alojamento na Vila e podem também ser considerados de um extrato social elevado. A presença destes novos utentes motivou os responsáveis do Hospital a construir um novo edifício (Clube de Recreio), que funcionava como estrutura de promoção de atividades lúdicas para o aquista, onde era possível a leitura de livros e jornais e a frequência de salão de chá e baile.

Em meados do século XIX a população da Vila aproximou-se dos 2 mil indivíduos. Este aumento demográfico teve várias implicações nas funções urbanas, nomeadamente, a remodelação do Rossio, demolindo-se a igreja Nossa Senhora do Rosário e o Pelourinho. Entre 1836 e 1855 o concelho recebeu nove freguesias, resultantes da extinção do senhorio de Alcobaça, facto que motivou uma nova reorganização das prioridades administrativas. A Vila passou a deter uma vasta região agrícola.

No ano de 1880 um novo conjunto de medidas reformaram as Caldas da Rainha. A população no centro urbano atingiu os 2700 habitantes e, em contexto concelhio, ascendeu aos 13 mil. A Vila deixava de ter a sua atividade centrada no termalismo e afirmava-se no sector industrial através da fábrica de cerâmica Manuel Mafra, que contribuía generosamente para o aumento do volume de exportações. No sector Hospitalar existiu também um aumento da frequência termal, como comprova a recepção de 3950 doentes. A percentagem de internos e externos, inverte-se: desses 3950 indivíduos, 1503 são internos os restantes 2447 estão em regime externo.

Nessa década, sucederam-se várias obras em contexto urbanístico, especialmente porque a cidade não tinha sido adequada ou não possuía infraestruturas básicas de saneamento e salubridade, exigidas a uma Vila Termal. Nesta fase ainda não existia um reconhecimento da real importância "em promover uma separação física e funcional entre Balneário e Hospital"<sup>14</sup>.

Os equipamentos turísticos eram igualmente insuficientes, e nesse período, ainda não tinha sido dada uma resposta convincente, no sentido de solucionar os problemas de circulação que afetavam toda a Vila.

// 09. Praça D. Maria Pia (atual da República) na última década do século XIX, em dia de mercado.

// 10. Praça 5 de Outubro, século XX

034



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

LINHA FÉRREA DO OESTE.

Ø35

// ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE /

Em seguida serão identificadas algumas mudanças urbanísticas ocorridas no sentido de modificar a circulação na Vila e de reorganizar alguns equipamentos. A Rua do Olival de Baixo que passa a ser designada por Rua de Camões, localiza-se na cota mais baixa da cidade. Para esta rua convergiam águas pluviais e despejos vários. Esta situação agravava-se em períodos sazonais de forte precipitação. Como foi referido anteriormente, e para adensar o problema já de si complexo, ainda não tinha sido solucionada a questão do trânsito de esgotos e de águas termais que corriam numa vala ao longo da já enunciada rua. A resolução desta problemática obrigou à demolição de um conjunto de tanques e azenhas, mas também levou à demolição de um teatro que será mencionado posteriormente neste documento.

No final da mesma rua, onde antes existia um pequeno pântano (numa zona denominada de água quente) foi criado um largo que servia de nó de circulação e distribuição de tráfego.

O sistema de circulação da Vila foi alterado com esta mudança. Este largo que passou a ser denominado Largo Conde de Fontalva, acabou por se tornar na entrada principal da Vila, no sentido Lisboa-Leiria, destronando a antiga entrada que se fazia pela estrada do Avenal e Rua Nova. A popularidade do Largo Conde de Fontalva beneficiou em grande medida com a construção do Hotel Lisbonense.

Uma outra intervenção de grandes dimensões ocorreu no Rossio, que conheceu o novo nome de Praça D. Maria Pia. As obras consistiam essencialmente na correção de alinhamentos e nivelamento da cota das soleiras, erguendo no centro um tabuleiro em calçada. O facto da Praça D. Maria Pia estar implantada numa zona central da Vila, obrigou a que fossem recolocados alguns tipos de comércio, nomeadamente, o comércio de peixe. Assim, foi projetada uma nova praça, a sudoeste do antigo Rossio, perto da Rua dos Arneiros, que iria incluir o antigo Teatro que havia sido demolido na Rua Olival de Baixo (Praça 5 de Outubro).

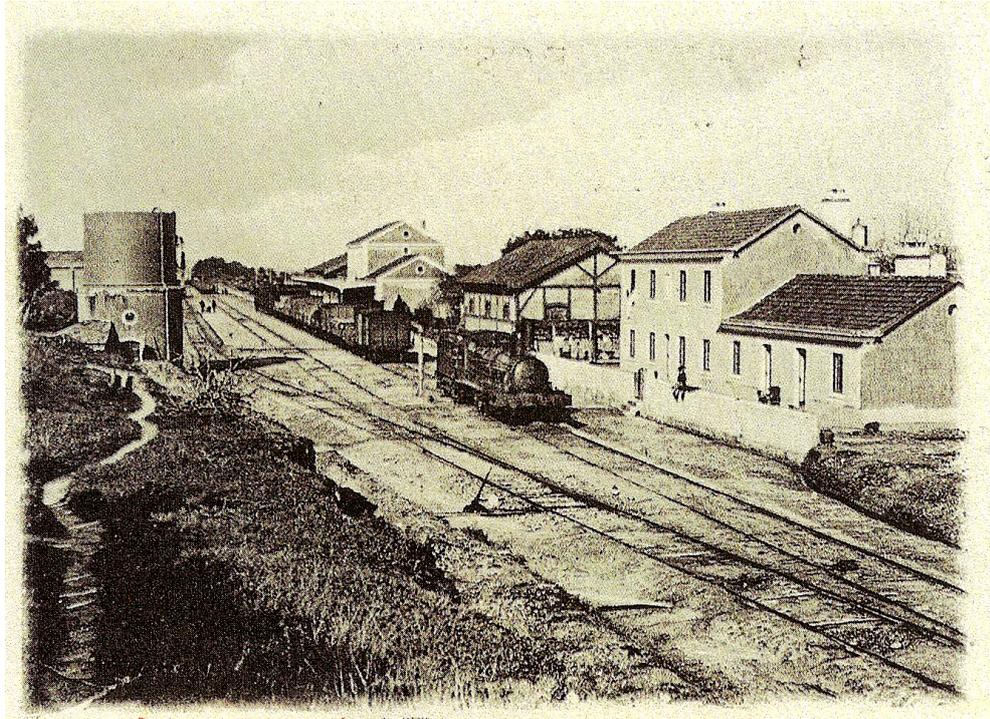
No decorrer do século XVIII um novo trajeto começa a ganhar forma ligando diretamente o fim da Rua do Cabo da Vila com o largo da Água Quente. Este trajeto é hoje conhecido pelo nome, Rua Heróis da Grande Guerra.

### **Linha Férrea do Oeste**

A primeira viagem de comboio entre Torres Vedras e Caldas da Rainha realizou-se em Julho de 1887. A linha férrea atravessa a Vila pela cota mais baixa, e no seu lado poente, ditando o posicionamento da estação, localizada

// 11. Estação do Caminho de Ferro das Caldas da Rainha, 1904.

036



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

O LUGAR DAS TERMAS.

a escassas centenas de metros do “centro” propriamente dito.

Aquando da construção da linha de caminho de ferro foram criadas duas passagens desniveladas, uma em que a linha passa sobre a estrada da Foz do Arelho, e uma outra em que a linha passa sob um percurso viário existente na Vila, que vem da continuação da Rua do Moinho de Vento (acesso que provinha da Praça Nova).

A primeira Avenida das Caldas da Rainha possuía sensivelmente 200m de comprimento, formava um cotovelo e ligava o lado Ocidental dos Arneiros á Rua do Jogo da Bola.

No prazo de 25 anos a população havia duplicado, passando a contar com 4700 habitantes. O elevado crescimento demográfico movido pelo impulso urbanístico, acabou por abrandar na década seguinte, só voltando a verificar-se na primeira década do século XX.

A mancha urbana espalha-se para ocidente em direção à linha férrea e no sentido das principais artérias da Vila, de que é exemplo a estrada para Alcobaca, ou outras áreas livres na dianteira do Chafariz das Cinco Bicas, campo da Feira e outros.

Para lá da linha férrea começa a nascer outra zona periférica.

### O lugar das Termas

A inevitável passagem do tempo ditou uma série de mudanças no contexto que enquadra o Hospital Termal. É importante referir que o conjunto de mudanças urbanísticas decorridas até ao século XX teve lugar devido ao sucesso da atividade termal que beneficiou o Hospital. No entanto, a mesma expansão urbanística trouxe ameaças para o equilíbrio ideal e desejável para a urbe termal.

Consciente dessa realidade, em Novembro de 1888, a administração do Hospital decide delegar a responsabilidade da criação de um plano reformador absolutamente necessário, a um novo administrador, Rodrigo Maria Berquó, que era arquiteto com alguma experiência na gestão de estâncias termais.

As medidas impostas pela administração foram sistematizadas em seis pontos fulcrais: o primeiro ponto previa uma ruptura física e funcional entre o Hospital e a estância termal; em segundo lugar, teria de ser erradicado o tratamento de doenças gerais da Vila; o terceiro ponto impunha que os terrenos pertencentes ao Hospital se mantivessem propriedade do mesmo, e definia também a salvaguarda da sua manutenção; o quarto ponto ditava a criação de normas e procedimentos afetos aos serviços balneários; o quinto definia que



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

O LUGAR DAS TERMAS.

a qualidade da água devia ser preservada; e, por último, a canalização teria necessariamente que ser definitivamente isolada dos esgotos do Hospital.

“Berquó não se guiou por uma interpretação minimalista das deliberações de 1884, juntou-lhe o seu próprio plano”<sup>15</sup>. A Vila foi dotada de infraestruturas de lazer que, para Berquó, eram fundamentais para um conceito de termalismo hodierno. O Passeio da Copa evoluiu para um conceito de Parque que incluía a existência de um lago e de espaços destinados a diferentes atividades, (críquet, jogo da bola, passeios em velocípedes, etc.). Esta iniciativa também compreendeu a remodelação do espaço que acolhia o clube de recreio e a mudança de instalações do Hospital de Santo Isidoro, que transita da Praça Velha para um terreno onde hoje se situa a Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha.

Em Março de 1893, foi inaugurado o novo Hospital de Santo Isidoro. Foi também nesse ano iniciada a construção de um novo complexo termal, o Hospital D. Carlos I, junto ao Parque. Era pretendido com esta obra reservar exclusivamente a função de balneário para o antigo Hospital. No projeto estava também incluído um terceiro piso para o antigo Hospital, que tinha sido construído no século XVIII.

Algumas das intenções de Rodrigo Berquó nunca foram efetivadas, nomeadamente, a criação de uma casa de espetáculos e de uma praça de touros. Ficou também por cumprir o nascimento de um dispositivo de circulação que iria desviar o circuito rodoviário da dianteira do largo do Hospital, que permitiria, criar uma zona de acesso pedonal e de trânsito exclusivo para veículos afetos ao transporte de doentes. Esta proposta pretendia quebrar a descontinuidade entre o antigo Hospital, o novo, o Clube de Recreio e o Parque.

Em 1890 Rodrigo Berquó candidatou-se á presidência da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, tendo sido eleito para um mandato anual, e procedeu então à construção de um matadouro municipal, com a intenção de higienizar a Vila. Reformulou ainda a concessão de qualquer licença de obras, exigindo a apresentação prévia de plantas e alçados.

Com a morte de Berquó o novo Hospital D. Carlos I não chegou a ser concluído. A administração posterior limitou-se a concluir o terceiro piso do antigo Hospital. Só na década de 1920 é que o Hospital voltou a realizar obras, remodelando a Casa da Convalescença e construindo um bar/ restaurante no Parque.

O desaparecimento de Berquó ditou uma viragem naquilo que é o registo



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

NO SÉCULO XX, A CIDADE.

da trajetória urbana das Caldas da Rainha. A preponderância da estância termal nesse contexto de crescimento termina. O impulso gerador dado pela iniciativa do Hospital deixa de atuar sobre o tecido da Vila, mas não deixa de exercer influência naquilo que é o seu desenvolvimento urbano, Parque e Mata tornam-se fatores de resistência ao desenvolvimento urbano na zona. “O termalismo, esse, entre altos e baixos, subsiste. Mas a evolução urbana das Caldas do século XX já não é determinada, em primeira instância, por esse factor.”<sup>16</sup>

### No Século XX, A Cidade

No ano de 1927 a Vila das Caldas da Rainha torna-se cidade. O número de pessoas que habitam o núcleo urbano ascende aos 7000 mil habitantes e a recém criada cidade é, no distrito de Leiria, a cidade com mais indivíduos no seu centro urbano. Este reconhecimento exigia não só uma melhoria das infraestruturas mas também um plano de regularização e extensão, para que pudesse ser regularizada a malha existente e planeada a expansão futura.

Em 1926 a Câmara Municipal convidou o jovem arquiteto Paulino Montez para planear um Estudo de Urbanização para a cidade. Passados dois anos, o estudo foi aprovado e compreendia já as prioridades urbanísticas que este arquiteto iria defender no muito posterior Plano de Urbanização da cidade, de 1949.

De uma forma resumida, o plano traçado consistia em urbanizar as cercas que ainda permaneciam na cidade e adequa-las à nova malha urbanística. Estava igualmente contemplado o desenho de novas vias de circulação adaptadas às novas exigências.

Relativamente à zona histórica, estava previsto o melhoramento das vias de circulação e a criação de programas de melhoramento visando o favorecimento e privilégio do património existente.

Do recente e diversificado programa com que a cidade se dotou, importa destacar as seguintes estruturas: um mercado coberto, um liceu, um museu de artes, um aglomerado comercial e institucional, que compreendia a criação de um novo espaço para a Câmara Municipal, o tribunal e uma nova igreja. Estes equipamentos trouxeram à cidade das Caldas da Rainha uma plurifuncionalidade à muito requerida.



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

PLANEAMENTO URBANO, ANOS 40 PAULINO MONTEZ E PARALELISMO  
COM OS PLANOS À ÉPOCA DE DUARTE PACHECO

043

// ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE /

O crescimento em compasso acelerado, das cidades de Lisboa e Porto no século XIX, condicionou a tomada de medidas naqueles dois municípios, obrigando ao planeamento do seu crescimento e transformação. O diploma de 1865 instituiu o plano geral de melhoramentos, que permanecerá em vigor até ao ano de 1934.

Pode dizer-se que o urbanismo, em Portugal, surgiu na segunda metade do século XIX, à semelhança do que ocorreu noutros países da Europa, apesar de corresponder apenas a uma “intenção política, que só ganha forma já em pleno século XX, com os primeiros planos gerais para Lisboa e Porto”<sup>17</sup>

Só na década de trinta do século XX, é que o urbanismo surge como uma prática de gestão disciplinar generalizada, graças à iniciativa do ministro Duarte Pacheco, que pretende transformar os aglomerados, adaptando-os a uma imagem com que o regime se identificasse.

As correntes urbanísticas europeias chegavam a Portugal por norma, com algum atraso. Quando Ressano Garcia faz o seu Plano Geral para a cidade de Lisboa já se começava a criticar o traçado hipodâmico das cidades oitocentistas, que haviam sido praticados na Alemanha. Estes planos consistiam em desenhar quarteirões rectangulares, independentemente do território em que estavam localizados. Camillo Sitte criticava fortemente estes planos, estabelecendo analogias com a irregularidade dos percursos medievais na cidade, das pequenas praças e dos princípios gerais que estão por detrás da cidade antiga.<sup>18</sup>

Esta visão crítica acabaria por mudar o desenho urbano de alguma parte da Alemanha a partir do começo do século XX.

No novo século uma corrente urbanística vinda da Europa surge nos Estados Unidos, acabando por influenciar o urbanismo colonial inglês. Este modelo que se baseia nas grandes avenidas de Paris e no anel de Viena, dá origem a “um movimento de embelezamento das cidades existentes através da abertura de largas avenidas ou alamedas, abertas na diagonal, que pela convergência em pontos focais privilegiados beneficiam de amplas perspectivas rematadas por edifícios monumentais.”<sup>19</sup>

O movimento, designado por “*city beautiful*” acaba por voltar à Europa influenciando os planos urbanos das décadas de 20 e 30, principalmente nos países regidos por sistemas totalitários. Foram usados como forma de conferir grandeza monumental às suas capitais.



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

PLANEAMENTO URBANO, ANOS 40 PAULINO MONTEZ E PARALELISMO  
COM OS PLANOS À ÉPOCA DE DUARTE PACHECO

045

// ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE /

Segundo Margarida Sousa Lôbo, em Portugal, mais concretamente na cidade de Lisboa, este movimento chegou pelas mãos do urbanista francês Forestier, que aplicou um conceito de “sistema de parques” e de espaços verdes contínuos que cruzavam toda a cidade. Na década de 30, e até ao início da década de 40, a influência deste movimento está patente nos planos de Paulino Montez, Paulo Cunha, Carlos Ramos e Cristino da Silva.

Os Planos Gerais de Urbanização, criados por decreto de 1934, por Duarte Pacheco, tinham como objetivo a transformação de Portugal através do estabelecimento de uma imagem urbanística com que o regime se pudesse identificar. Duarte Pacheco mantinha sempre um diálogo próximo com os urbanistas, procurando sempre a execução imediata e rigorosa dos planos, mas com a sua morte o cenário alterou-se. O seu desaparecimento fez com que se perdessem critérios de qualidade, e reduziu a capacidade de realização dos mesmos.

As câmaras, dotadas de poderes para a “transformação do seu território como agentes activos e intervenientes, através de uma real política dos solos”<sup>01</sup> acabam por ver os planos “reduzidos a meros documentos, orientadores da atividade dos particulares.”<sup>02</sup>

O trabalho de Duarte Pacheco, realizado em 1934, viu passar mais do que uma década antes que de poderem ser registados resultados, numa altura em que inúmeras plantas topográficas já se encontravam realizadas. Só em 1954 o número de ante-planos em curso ultrapassa a centena e meia, contudo a seguir a essa data, a execução de planos entra em declínio, acabando por perder todo o significado que tinha, na década de 60.

Apesar de tudo o objetivo inicial acaba por ser alcançado, em 1954, quando a maioria dos aglomerados do país passa a dispor de um documento de ordenação urbana. Pode-se afirmar que o engenheiro Duarte Pacheco marca a transformação do território urbano na década de 30.

O desenvolvimento do urbanismo em Portugal emerge, portanto, na década de 30. Ao longo do tempo foi diversas vezes contagiado por influências de outros países.

Numa primeira fase, que corresponde ao primeiro mandato de Duarte Pacheco, como ministro, este solicita a presença de Donald Alfred Agache que é um experiente urbanista francês. A esse Agache funda a fase de desenvolvimento do urbanista de Lisboa, a qual se desenvolveu durante o mandato de Agache no

01 Lôbo, Margarida Sousa - Planos de urbanização; A época de Duarte Pacheco. 1995. p.35.

02 Ibidem



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

PLANEAMENTO URBANO, ANOS 40 PAULINO MONTEZ E PARALELISMO  
COM OS PLANOS À ÉPOCA DE DUARTE PACHECO

047

// ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE /

plano para o Rio de Janeiro. O “lançamento” do urbanismo em Portugal, nesta década, compreende um investimento feito em vários níveis: ao nível legal, administrativo e processual.

A legislação que estabelece o plano geral de urbanização, publicado em 1934, que veio substituir o antigo diploma de 1864, obrigava o estabelecimento de planos gerais de urbanização para todos os municípios e todas as localidades com mais de 2.500 habitantes e com um crescimento demográfico superior a 10%, num intervalo de dois recenseamentos.<sup>22</sup> Este plano teve provável influência de Agache. A Administração Central dinamizou todo o processo para a “ativação” dos planos gerais de urbanização porque apesar deste processo estar a cargo do município, tal como definido pela legislação de 1934, havia uma grande inexperiência nesse campo.

Nos anos 40 havia um défice real de urbanistas portugueses com formação específica. No início da mesma década existiam apenas dois.<sup>23</sup> A este pequeno grupo juntaram-se por convite de Duarte Pacheco, um pequeno conjunto de iniciados: Luís Cristino da Silva, Paulino Montez, Paulo Cunha, Jorge Segurado e Carlos Ramos. Os urbanistas anteriormente referenciados serão os percussores de um vasto movimento responsável pelo ordenamento do país.

No pós II Grande Guerra, a influência inglesa começa a ser mais notada, divulgam-se os trabalhos de Sir Patrick Abercrombie e alguns técnicos administrativos começam a formar-se na Inglaterra. Em meados da década de 40, a influência francesa dos urbanistas entra em clivagem com a formação anglo-saxónica dos técnicos da administração.

Fazem-se planos de urbanismo citando Gröer, “porque no último século, período de rápido crescimento das cidades, a experiência provou que toda a cidade, cujo desenvolvimento não está dirigido, não pode vir senão um grande caos. O conjunto de forças cegas e de iniciativas particulares, movidas unicamente por considerações de interesse pessoal ou pela fantasia de cada um, pode trazer apenas uma perfeita desorganização e perdas financeiras”. É “para proteger a propriedade e para dar às cidades a comodidade, a salubridade e a beleza necessária que se fazem os planos-programa de urbanismo”<sup>24</sup>.

Nos anos 40 o esforço exigido aos municípios para a elaboração de planos de urbanização nem sempre acaba por se traduzir numa melhoria do



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

PLANEAMENTO URBANO, ANOS 40 PAULINO MONTEZ E PARALELISMO  
COM OS PLANOS À ÉPOCA DE DUARTE PACHECO

ordenamento urbano. São diversos os problemas encontrados pelas autarquias na concretização dos referidos planos. Uma das causas pode corresponder à sua própria concepção, que é muito desigual, apesar do esforço de Duarte Pacheco para tentar assegurar que os técnicos responsáveis tenham sempre o perfil mais adequado.

Segundo Margarida Souza Lôbo<sup>25</sup> alguns urbanistas propunham que a morfologia dos planos se adaptasse ao usual processo de crescimento urbano, abrindo arruamentos que continuasse a rede viária existente, enquanto outros propunham uma nova estrutura com novos arruamentos e com intervenções mais extensas, que necessitavam de uma política de intervenção fundiária, que só seria permitida a partir de 1971.

Duarte Pacheco queria intervir no território, como refere Margarida Sousa Lôbo, “urbanizando, na dupla acepção da palavra”<sup>26</sup>, ou seja, urbanizava-se o território com equipamentos e infraestruturas mas também com aglomerados urbanos em que a sede do poder devia ser evidente, devia estar localizada numa praça de onde radiassem alamedas, “numa composição classizante que as áreas de expansão *ex novo* complementassem.”<sup>27</sup>

A primeira geração de urbanistas em Portugal era composta por Luís Cristino da Silva, Carlos Ramos e Paulino Montez, que se destacavam entre as figuras mais notáveis da década de 30. Os seus trabalhos refletiam influências díspares da corrente “*city beautiful*”, que está associada a uma certa modernidade.<sup>28</sup>

O percurso destes três arquitetos é bem distinto: Cristino da Silva que fica encarregue do Projeto de Urbanização dos arredores da Cova da Iria, cultiva o gosto composição de grandes eixos viários, tão característica da corrente “*city beautiful*”, ignorando as pré-existências e a topografia. Carlos Ramos é mais imaginativo e apresenta intervenções na vanguarda do urbanismo, apesar de não possuir formação específica. Paulino é o que mais demonstra a influência de Agache, e acaba por utilizar soluções de carácter classizante que ao longo do seu percurso de urbanista evoluem para formas mais flexíveis.

A geração modernista da década de trinta exprime um influência mais formalista que a geração que a precede, acaba por estar mais interessada na busca da cidade ideal, não desenvolvendo uma metodologia de planeamento,



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

PLANEAMENTO URBANO, ANOS 40 PAULINO MONTEZ E PARALELISMO  
COM OS PLANOS À ÉPOCA DE DUARTE PACHECO

que acaba por “não se compadecer com as restrições da situação concreta.”<sup>29</sup>

051

Paulino Montez (1897-1988), pertence a uma geração modernista, segue de perto as posições de Raul Lino, e como ele, partilha a crítica a Camillo Sitte e às novas vias que são abertas na capital. “A linha recta rompe cega desmedida, com desprezo absoluto pelo relevo dos terrenos. Não condenamos a linha recta, ainda mesmo nas cidades de situação acidentada. Em Lisboa, encontramos traçados rectilíneos que se vêem com agrado. Mas neles, os perfis são mais perfeitos, os comprimentos são comedidos, proporcionados às larguras e motivos arquitecturais ou pitorescos lhe dão interesse, destacando-se no seu fundo ou plano principal. Então neste caso, as Avenidas da Liberdade e da Republica com monumentos terminais; a Rua Augusta com o arco do Triunfo, a dos Retroseiros com o fundo da Madalena, a do Arsenal com o escorço do Terreiro do Paço...”<sup>30</sup>

Paulino critica aqui a inserção de cada traçado no tecido urbano, não recusa a linha reta, mas a forma com tem sido usada sem articulação com os espaços vizinhos e sem percepção do conjunto. Aceita a linha reta como necessidade de circulação, mas alerta para a sua adaptação à topografia da cidade. “A circulação exige a linha recta, uma grande capital não pode abster-se do alinhamento rectos. Mas Lisboa é por natureza uma cidade acidentada, sobre a qual de nenhum modo conviria implantar a rede surda de arruamentos paralelos e em xadrez que aparecem mais naturalmente nas cidades de fundo raso”<sup>31</sup>

Camillo Sitte também defendia essa opinião, e em 1889 defendia que “as vias rectas são hoje necessárias, são muitas vezes de um efeito grandioso. O que condenamos é o seu emprego maquinal sem se atender à configuração do terreno, nem a outras circunstancias locais”<sup>32</sup>

Le Corbusier, impõem-se contra os alinhamentos curvos e diverge das ideias de Camillo Sitte, apesar de fazer uma excepção, concordando que “sobre terrenos acidentados, a curva tem direitos *a priori* e que os architectos podem tirar dela efeitos agradáveis”<sup>33</sup>

Paulino Montez critica também o facto de não se conseguirem tratar as novas praças, como refere, “as praças mais modernas de Lisboa deveriam, não



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

PLANEAMENTO URBANO, ANOS 40 PAULINO MONTEZ E PARALELISMO  
COM OS PLANOS À ÉPOCA DE DUARTE PACHECO

apenas arejar arruamentos ou regular circulações, mas constituir, como as de outrora, a mais alta expressão arquitectónica da cidade”<sup>34</sup> existe uma “falta de regulamentação das massas, das alturas e do estilo dos edifícios”<sup>35</sup>.

Em Portugal, os Planos Gerais de Melhoramento concentravam-se na instalação de infraestruturas e de condições de circulação nas cidades, o objetivo geral centrava-se no melhoramento da qualidade de vida nas cidades, como o próprio nome indica. Na década de 30 passa-se para o “Plano de Urbanização”, em que o território é reconvertido em território urbano, instalando infraestruturas e equipamentos. No entanto Paulino Montez assume outro tipo de intervenções nas zonas urbanas. Em baixo encontram-se sintetizados os diferentes tipos de planos descritos em “A Estética de Lisboa”, redigida por Paulino Montez.<sup>36</sup>

O “Plano Regional” tinha como foco principal a relação entre aglomerado e região envolvente através da circulação rodoviária e ferroviária, espaço livre e proteção paisagística.

O “Plano de Regularização” reformula o aglomerado existente através da revisão dos traçados urbanos, alargando as vias de grande movimento, criando praças e reguladores de trânsito. Este plano compreende também a elaboração de regulamentos, condições de segurança e preservação de linguagem arquitectónica relativa aos edifícios mais antigos.

Relativamente ao “Plano de Embelezamento”, o seu objetivo seria o de tratar o espaço público classificando edifícios ou monumentos de relevância e melhorando a iluminação o mobiliário urbano.

No que toca ao “Plano de Extensão”, deviam ser previstas as necessidades presentes e futuras da cidade a criação de novos acessos e grandes linhas de tráfego rápido, agrupar os edifícios consoante o seu destino: administrativo, comercial, fabril, grupos de moradias, etc. Essas construções devem estar regulamentadas e devem ser estabelecidos parques, jardins. Deverão também ser relacionadas as necessidades de cada zona.



## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

PLANEAMENTO URBANO, ANOS 40 PAULINO MONTEZ E PARALELISMO  
COM OS PLANOS À ÉPOCA DE DUARTE PACHECO

Apesar de Paulino Montez não ter qualquer formação própria na área, relava-se com o seu conhecimento os tipos de plano que prevalecem em França, talvez pelo seu contacto com Agache.<sup>37</sup>

Os planos de urbanização da época recorrem regularmente à “adaptação da cidade ao trânsito crescente, à terciarização e à intervenção em áreas de habitat insalubre.”<sup>38</sup> As soluções utilizadas são muitas vezes a demolição quer parcial quer em extensão

Entre as décadas de 40 a 50 podemos verificar uma evolução metodológica e morfológica na obra urbanística de Paulino Montez. O seu trabalho é realizado em alguns aglomerados do Oeste, alguns bairros sociais de Lisboa e em localidades da Costa do Sol. Os primeiros planos publicados conservam ainda designações que se aproximam dos planos franceses. Para Mafra trabalha num “Plano de Regularização e Embelezamento”, para aglomerados com um maior crescimento propõem um “Plano de Regularização, Extensão e Embelezamento”.

Nos anos 30, Paulino Montez projeta um bairro modernista no Alvito. O bairro é desenhado segundo um eixo de simetria, com um jardim no principal acesso e enquadrado com um equipamento, neste caso, um centro cultural. As restantes edificações distribuem-se por ruas paralelas, “cujo geometrismo as coberturas em terraço acentuam”<sup>39</sup>. Estas coberturas justificavam-se como um complemento á vida saudável, segundo o espírito das *Siedlungen* alemãs.

O Plano para as Caldas da Rainha propõe a criação de uma rotunda que faz a convergência de cinco avenidas. A principal avenida deste conjunto liga-se à estação de caminho-de-ferro, funcionando também como eixo de composição, simetricamente. O plano para Peniche, contemporâneo do plano para as Caldas da Rainha, propõe uma área de expansão igualmente centrada numa praça, com avenidas que se espraiam a partir dela.

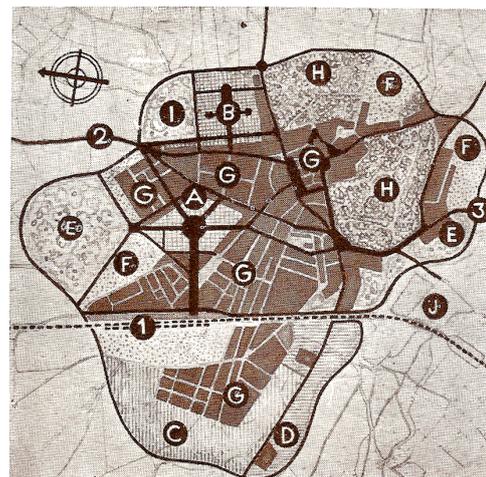
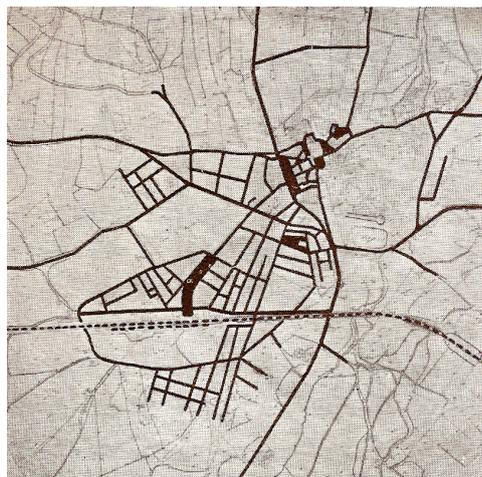
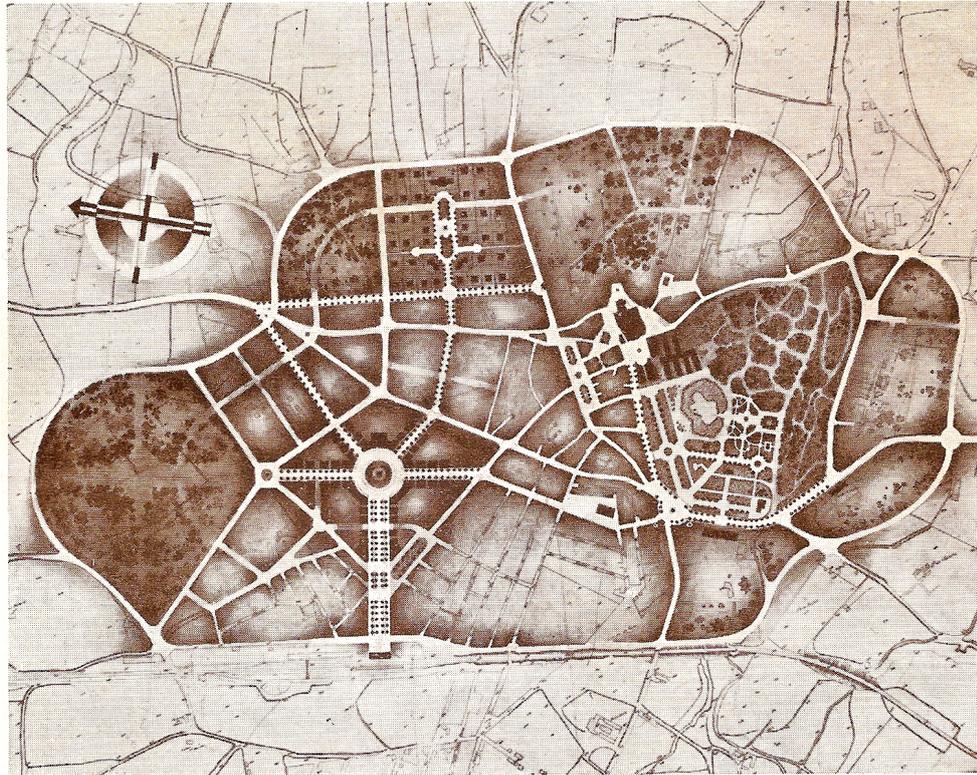
Estes três planos da década de 30 recorrem ao traçado de avenidas divergentes, “pata de ganso”, o que era recorrente no movimento “*city beautiful*”.<sup>40</sup>

// 12. Plano Geral de Extensão, Regularização e Embelezamento da cidade, Caldas da Rainha, 1941.

// 13.

// 14.

056



A negro: rede actual de circulação.

A negro: Vias projectadas, alargadas ou regularizadas.

1. Caminhos de ferro 2. Estrada para Alcobaça 3. Estrada para Lisboa

A. Bairro administrativo B. Bairro-Jardim C. Construções económicas e reservas

D. Construções industriais E. Parques projectados F. Reservas de extensão

G. Quarteirões existentes H. Parques existentes I. Estação de fruticultura J. Cemitério

## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

O CASO CONCRETO DAS CALDAS DA RAINHA

### O caso concreto das Caldas da Rainha

057

// ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE /

Na década de 40 Paulino Montez apresenta o desenvolvimento das suas propostas iniciais, de 1931 para as Caldas da Rainha. A evolução apresentada é sem dúvida substancial. Nos planos de Regularização, Extensão e Embelezamento, Paulino propõe apenas a criação de espaços urbanos privilegiados pela sua localização e configuração, enquanto na década de 40 o aglomerado urbano é considerado como um todo. Então vai ocupar-se da rede de circulação e do zonamento, separadamente. Dedicar também especial atenção aos espaços verdes e nesse sentido propõe um “Bairro Jardim”.<sup>41</sup>

No plano de Regularização, Extensão e Embelezamento, de 1941, Paulino identifica os principais problemas à época, que vão desde uma cidade sem largas artérias e sem quaisquer arranjos notáveis que “embelezem” a Estância Termal.

Como refere, “na sua rápida e progressiva evolução, a urbe riscara-se ao acaso ou, quando muito, ao sabor de rudimentares necessidades dos habitantes”<sup>42</sup> Considera também que apesar das Caldas da Rainha estarem numa situação de privilégio por possuir uma linha de caminho-de-ferro, deveria no entanto, viver da riqueza das suas termas, valorizando a frescura do clima e o interesse turístico pela região. Estas constatações acabam por orientar todo o plano de urbanização da cidade.<sup>43</sup>

Relativamente à rede de circulação o plano pretendia rasgar novas vias de circulação, substituindo as ruas congestionadas, essencialmente, a ligação à Praça da República, e à Estância Termal e zona da estação de caminho-de-ferro.

Para o Plano de Extensão, desenhou bairros económicos, o bairro-jardim para moradias, um bairro principal para edifícios comerciais e um parque municipal. A correção geral das construções existentes, através de alinhamentos para futuras necessidades, constituirão o “Plano de Regularização”. No Plano de Embelezamento valorizaram-se a Igreja Matriz, a estátua da Rainha D. Leonor e os arranjos no Parque.

Paulino Montez dissolve as antigas cercas de forma a criar continuidade urbana e seguindo essa perspectiva a cerca do borlão desaparece e é lançada através dela uma avenida que vem do largo da estação até uma grande praça circular com 90 metros de diâmetro. Desta praça irradiavam cinco “artérias

// 15. Plano de Urbanização , Paulino Montez,1949

// 16.

058



A. Novo centro administrativo e comercial B. Novos Paços do Concelho e terrenos para o novo tribunal  
C. Nova Igreja D. Novos Mercados Municipais E. Novo Campo da Feira F. Novos Parques públicos  
G. Espaço arborizado público e servindo para parque de viaturas H. Parque de viaturas I. Parque de viaturas  
J. Parque de viaturas, sobretudo de isolamento de residências F. Parque de grupos escolares  
L. Ampliação do logradouro da escola primária existente em edificio proprio M. ampliação do museu do Parque de D. Leonor N. Novo Quartel dos bombeiros O. Novo Teatro-Cine P. Hotel e respetivo parque  
Q. Agremiação comercial, cultural ou recreativa R. Cemitério atual S. Serviços municipais diversos

01. Mata do Hospital Termal 02. Parque de D. Leonor 03. Parque das Faianças 04. Reserva Rural  
05. Reserva Rural 06. Estação dos C° F° 07. Estação do C.T.T e de camionagem  
08. Hospital Termal e anexos 09. Paços do concelho (atual) 10. Praça de Touros 11. Teatro-Cine atual

## ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE

O CASO CONCRETO DAS CALDAS DA RAINHA

de franca ligação com os extremos norte e sul da cidade e com as vias mais próximas da rede existente”<sup>44</sup>

O plano previa também mais duas novas “artérias” vindas da estrada de Alcobaça, uma em direção à nova praça, que nunca chegou a ser realizada e outra na direção do eixo do Chafariz das Cinco Bicas. Para completar a matriz urbana, outras vias foram criadas e conjugadas entre si e com as demais existentes.

O Plano de Extensão da cidade ordenava o seu crescimento para o sector norte, pois, como afirma mais uma vez Paulino Montez, a cidade estava limitada a sul pelo Parque D. Carlos I, a oeste pela via-férrea e a leste pela Mata do Hospital.

No sector norte, sobre a cerca do borlão, surgia o novo bairro comercial, e na grande praça apareceriam edifícios públicos ou de interesse público. No seguimento do bairro comercial era traçado o novo parque da cidade.

No sector leste, Paulino Montez agrupava um conjunto de moradias, que formavam um bairro-jardim. Nessa zona estava também previsto reservar tecido urbano para a construção de um novo edifício escolar.

O plano previa também, que todos os terrenos próximos da linha férrea deviam ficar sob reserva, para uma última fase da extensão.

No que respeita ao Plano de Embelezamento, estava ainda previsto uma intervenção na envolvente da igreja D. Leonor, por forma a torná-la mais enquadrada na via pública. O Parque D. Carlos I também é alvo de proposta, explicitada mais adiante.

Os edifícios públicos, como era o caso do palácio do município, que podiam eventualmente conter os serviços do tribunal, deviam ser construídos na grande praça administrativa, “de modo a servir de fundo perspectico” da Avenida e da estação de caminho-de-ferro.

Em 1949 Paulino Montez entrega o agora Plano Geral de Urbanização das Caldas da Rainha. Mantêm-se as vias periféricas que contornam a área urbana. As áreas de expansão são dominadas por habitação unifamiliar, que é o padrão dominante dos anos 40. Algumas inovações surgem no traçado, novas alamedas rematadas com pequenas pracetas de forma retangular fazem-se notar, praças de forma retangular a substituir as anteriores, de forma circular, e um espaço em forma de U que engloba um equipamento, neste caso, a Igreja.



## **ESTUDO MORFOLÓGICO DA CIDADE**

O CASO CONCRETO DAS CALDAS DA RAINHA

---

Apesar de terem havido diferenças entre o que foi planeado e o que realmente foi executado do plano, não podemos negar que este plano foi o primeiro instrumento de planeamento formal que acabou por moldar o crescimento urbanístico na cidade. Estruturou uma área de desenvolvimento da cidade, separando o primeiro núcleo central, onde se inclui a zona Termal e praça do Rossio, de outro, que é a atual praça 25 de Abril, projetada no final da Avenida, onde outrora existia a Cerca do Borlão.

São aplicados também na cidade, através deste instrumento de planeamento os princípios da cidade modernista, combinados com as regras urbanísticas da escola francesa.



## LEITURA SOBRE A CIDADE DE HOJE.

Na Europa 75% da população vive nas cidades, e é consensual que a importância da cidade não tem diminuído. Genericamente entende-se como cidade um complexo demográfico, não agrícola, que se dedica a atividades de carácter mercantil, industrial e cultural, no entanto, é necessário que tenha dimensão e densidade suficientes que suportem todas estas ações.

A definição de um limite para a cidade no caso português, resulta de um consenso entre o INE e as câmaras municipais, de forma a que os limites do perímetro urbano sejam consensuais com os inscritos na Base Geográfica de Referenciação da Informação (BGRI).

O modelo monocêntrico de cidade acabou por se perder devido ao desenvolvimento tecnológico e crescente expansão dos meios de transporte. Este desenvolvimento originou um congestionamento dos centros urbanos e como resultado, as cidades transformaram-se em cidades polinucleadas favorecendo as vias de comunicação. No entanto, apesar de uma cidade poder apresentar vários núcleos há sempre um que se destaca relativamente aos demais, influenciando os outros.

As cidades médias também padecem desta problemática, quer seja por pertencerem a uma área metropolitana, ou simplesmente porque a sua história as obrigou a um alastramento urbano de forma fragmentada e dispersa.

O livro "Políticas Urbanas" dá-nos uma definição da cidade média, desta forma "seriam aglomerados de média dimensão, ocupando um posicionamento intermédio entre as grandes cidades do topo hierárquico do sistema urbano e os pequenos aglomerados situados na base dessa hierarquia".<sup>45</sup> Expondo a questão de outra forma, "as cidades médias são definidas através da sua condição intermédia: polarizações urbanas que desempenham papéis de equilíbrio do sistema urbano, face à tendência hegemónica de crescimento das grandes metrópoles".<sup>46</sup>

Este tipo de cidade organiza o território "equilibrando a força no sentido da metropolização, com a descompressão própria do esvaziamento demográfico e da rarefação urbana de que padecem as áreas que se encontram afastadas dos eixos ativos de desenvolvimento territorial"<sup>47</sup>



## LEITURA SOBRE A CIDADE DE HOJE.

No que toca ao caso de estudo em questão, as Caldas da Rainha detêm a categoria de cidade média, classificada ao abrigo do Programa de Consolidação do Sistema Urbano Nacional e Apoio à Execução dos PDM (PROSIURB)<sup>48</sup>

Só passado meio século desde o Plano de Regularização, Extensão e Embelezamento de 1941, é que a cidade das Caldas da Rainha preparou um Plano Geral de Urbanização (1982). Este plano teve principal enfoque nas áreas edificadas, nas áreas a urbanizar, nas áreas para expansão urbana e na definição de vias de comunicação.

Foi nesse sentido desenvolvida uma análise relativa ao concelho e à cidade, estudando a sua população, o emprego, as atividades económicas, as infraestruturas, os transportes, a habitação, o equipamento social e o ordenamento. Previa-se essencialmente uma distribuição por zonas especificando-as por sectores. Este plano propunha também a articulação entre áreas residenciais, equipamentos sociais e emprego, através de uma rede viária de apoio.

Neste estudo foi expressa a preocupação da cidade se poder tornar, num futuro não muito distante, um aglomerado completamente desorganizado, sem qualquer tipo de leitura e sem uma convivência urbana saudável. O estudo alertava também para as más condições do património e para a geral falta de qualidade arquitetónica do edificado. O plano em questão acabou por só ter aprovação no ano de 1986.

Este plano era sustentado pelo aumento de 109% da área urbana e à data da realização do mesmo, a cidade acolhia 18144 habitantes, ou seja, previa-se um aumento de 31816 habitantes, estabelecendo um total de 49960 habitantes no concelho que ocupariam a zona urbana existente e a área de expansão. Esta exagerada previsão frustrou em larga escala as expectativas para a realidade da cidade e entre 1981 e 2007, o aumento populacional aproximou-se apenas de uns escassos 11500 indivíduos.

No decorrer da elaboração do PGU, a gestão urbanística local solicitou a uma equipa especializada, alguns "estudos prévios" de urbanização, para as zonas da cidade onde houvesse a intenção de criar urbanizações de dimensões consideráveis.



## LEITURA SOBRE A CIDADE DE HOJE.

Estes “estudos prévios” propunham um desenho para o zonamento e rede viária, instituindo também os índices construtivos. É importante acrescentar que estes estudos reproduzem “a prática da gestão urbanística numa fase marcada pela indefinição.”<sup>49</sup>

No que concerne à elaboração do Plano Diretor Municipal, de 2002, a cidade das Caldas da Rainha concretizou o seu numa fase tardia relativamente a outros municípios. Nem mesmo a implementação do PROSIURB elucidou o município para a urgência da elaboração do PDM. Podia supor-se, que pelo facto deste plano surgir num contexto tardio, iria compreender uma série de argumentos de valor acrescentado e de grande pertinência, suposição que não se veio a confirmar. Nesse sentido, o plano acaba por demonstrar algumas insuficiências no campo da gestão urbanística.

Não querendo descrever exhaustivamente o Plano Diretor Municipal retificado em 19 de Março de 2002, abaixo encontra-se uma versão esquemática que resume as suas linhas gerais, com os seguintes objectivos:<sup>50</sup>

- Evolução equilibrada e planeamento dos conjuntos urbanos;
- Competências turísticas;
- Proteção e preservação dos recursos naturais;
- Consideração do património arqueológico e edificado;
- Desenvolvimento da produção agrícola.

No que respeita ao planeamento dos conjuntos urbanos, procura-se uma forma de delimitar ou conter a expansão urbana através do desenho de infraestruturas. Estas opções estão claras na carta de ordenamento, no entanto como sugere Carlos Gonçalves na sua tese de mestrado, os métodos utilizados podem não ter sido os mais adequados.

Dos nove Planos de Pormenor (PP) propostos pelo PDM a maioria ainda não foi elaborada, e os elaborados, não têm qualquer relação direta com a estratégia do concelho ou espelham a linha condutora do ordenamento municipal. Podemos, nesse sentido, partilhar a opinião com Carlos Gonçalves quando refere a influência negativa da vontade política por trás dos planos de pormenor, sem que eles se traduzam nas verdadeiras necessidades de ordenamento e desenvolvimento territorial. Aliás, os argumentos que levaram à



## LEITURA SOBRE A CIDADE DE HOJE.

sua concretização ou planeamento, já se encontram substancialmente alterados devido ao passar dos anos.<sup>51</sup>

A 21 de Outubro de 2008, a cidade das Caldas da Rainha é abrangida pelo Programa de Valorização das Estâncias Termas da Região Centro (PROVERE). Este programa pretende valorizar economicamente o recurso endógeno, inimitável e emblemático da região. O programa abrange 16 das 20 estâncias termas da região centro e não sendo nossa intenção menosprezar a importância deste programa, é de qualquer forma discutível o facto de a proposta não estar articulada com os restantes planos para a cidade. A intervenção sugerida resume-se ao Hospital Termal e ruas periféricas, não abrangendo o balneário novo, os Pavilhões do Parque ou o próprio Parque D. Carlos I, como complemento da Estância Termal.

A impossibilidade de limitar este estudo apenas a uma análise do perímetro urbano da cidade, motivou uma análise breve da dispersão urbana no concelho das Caldas da Rainha.

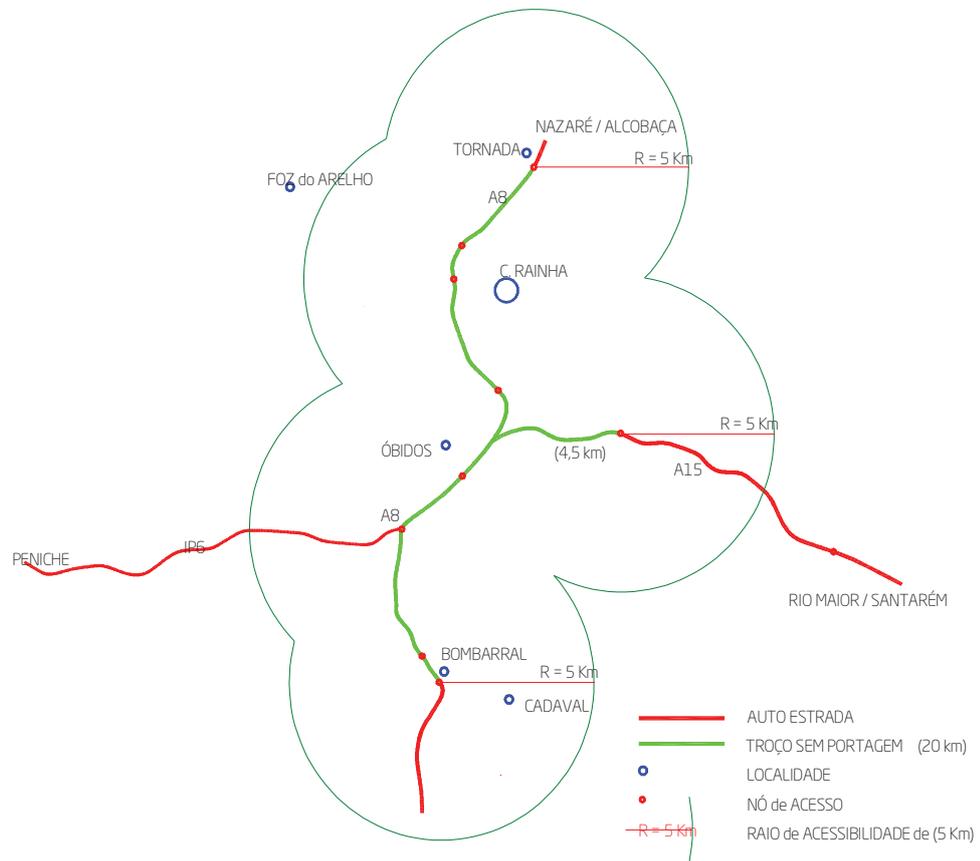
Segundo Ascher, a residência pode vir a “tornar-se o ponto fixo cada vez mais importante, quase o único, funcionando, um pouco como a base para os membros do lar, o local onde eles se refugiam individual e colectivamente, mas a partir do qual partem para a cidade”.<sup>52</sup> De uma maneira geral, podemos aferir que o crescimento da urbanização dispersa se deveu a uma expansão das redes de acessibilidades pelas zonas rurais, completando-se através de infraestruturas, saneamento, telecomunicações, energia e o abastecimento de água.

Este fenómeno tem como principal motivação os desejos de individualidade e autonomia que, de certa forma, podemos comparar com os subúrbios americanos e o conceito de *american dream*. Ao contrário do caso americano, o local escolhido para a edificação de uma habitação não representa um terreno amorfo, mas sim um terreno com características agrícolas, com uma história rural onde já existiam localidades que dispunham de condições básicas de energia, saneamento e acessibilidades.

Ascher afirma também que “as novas tecnologias de transporte e de comunicação participam na recomposição dos espaços urbanos e rurais, mas elas não desencadeiam uma dispersão generalizada dos homens e das actividades, pelo contrário, acompanham e até suscitam novas aglomerações e novas polarizações. Uma fracção crescente das populações, das actividades e das

// 17. Esquema de acessibilidade por via rápida na região de C. da Rainha efectuado por João Aboim

Ø70



## LEITURA SOBRE A CIDADE DE HOJE.

riquezas concentram-se assim nas metápoles, pelo que as relações cidade-campo tendem a transformar-se em relações entre as metápoles e os territórios que fazem parte do seu próprio património.”<sup>53</sup>

Esta dispersão urbana verificada nas Caldas da Rainha também está presente noutras regiões da zona Oeste, estando especialmente associada à atividade agrícola, que apesar de estar em declínio, quando complementada com outros sectores pode originar novas oportunidades de emprego, fora dos perímetros urbanos.

No concelho das Caldas da Rainha esta motivação para viver em zonas “rurais” e extrair o que existe de melhor nesse contexto, é reforçada pelo fácil e rápido acesso à zona urbana, através de um sistema viário completo que compreende o acesso às autoestradas A15 e A8. O município em si também favorece esta dispersão urbana, visto que o seu PDM permite a construção em meio rural desde que as propriedades tenham no mínimo uma área de meio hectare, ao contrário do que foi fixado pelo PROT-OESTE, onde o índice foi estabelecido em dois hectares.

Como já foi referido, o concelho das Caldas da Rainha é servido por duas autoestradas, a A8 que se ramifica em A15 até Santarém, e também a via rápida (IP6) que chega até Peniche. A particularidade deste troço advém do facto de não existir portagem paga entre Tornada e Bombarral (A8), num total de 20 km. Este troço afirma-se como eixo direto de mobilidade viária desta região, compreendendo as regiões de Caldas da Rainha, Óbidos, Cadaval, Bombarral e Peniche. Suportando a importância desta pluralidade de redes viárias disponíveis, Ascher refere que “os meios de transportes e de telecomunicações são os mais usados pelos indivíduos para dominar o chamado espaço-tempo, conseguindo desta maneira fazer o que querem, onde querem, quando o querem, com quem o querem...”<sup>54</sup>

No entanto esta dispersão urbana pelo concelho não se reflete apenas em habitação. O tecido empresarial e os equipamentos também estão dispersos. Estes equipamentos desempenham um papel fundamental na dispersão urbana pois oferecem aos habitantes da periferia uma proximidade psicológica e real à realidade urbana.

Esta disseminação de empresas, escolas, espaços de lazer, pontos de abastecimento, apesar de permitirem pequenas deslocações de proximidade,



## LEITURA SOBRE A CIDADE DE HOJE.

---

não conseguem estabelecer ou transformar o entendimento de estrada em rua. Aquilo que podemos verificar neste contexto não se enquadra, na óptica de Álvaro Domingues, em "A Rua da Estrada". Existe um caso excepcional identificado na estrada de Tornada (via de grande tráfego e comércio/ indústria). Nas zonas rurais acontece precisamente o contrário, as ruas em que era favorecido o contacto entre indivíduos acabam por ser convertidas em estradas, face ao radical aumento da circulação automóvel.

Pode concluir-se que esta edificação dispersa que acontece ao longo do concelho se apoiou na fácil mobilidade e acessibilidade ao centro urbano, mas também num conjunto de aldeias e zonas agrícolas pré existentes que oferecem possibilidades efetivas de empregabilidade.



## ESPAÇO VERDE TERMAL/ ESTÂNCIA TERMAL

A MATA RAINHA D. LEONOR

075

Neste terceiro capítulo a abordagem temática irá centrar-se na análise do Espaço Verde Termal através da intervenção e óptica de três arquitetos.

Primeiramente estudar-se-á o percurso do arquiteto Rodrigo Berquó enquanto administrador do Hospital, quais as reformas introduzidas no Parque, Mata e Estância Termal, dando especial destaque ao Parque D. Carlos I e Hospital Real (Pavilhões do Parque). Em seguida é analisada a intervenção do arquiteto Paulino Montez e por último as intervenções do arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral.

Será também efetuada uma análise em dois tópicos que corresponde a um período anterior aos três arquitetos destacados, esta análise compreende a mata Rainha D. Leonor e o Passeio da Copa, que integram parte do atual Parque D. Carlos I.

O Parque das Caldas da Rainha faz parte da memória colectiva da generalidade dos habitantes da cidade, e daqueles que em recreio o visitaram, como escreve Dulce Soure. "Gerações de Caldenses ou de visitantes dele poderiam evocar as mais diversas experiências: um jogo de ténis ou uma exposição de pintura, um concerto musical ou um piquenique, um comício político, ou uma tarde de leitura, uma parada militar ou uma mostra de automóveis, uma feira de Verão, uma fotografia de casamento...a nostalgia do passado..."<sup>55</sup>

O Parque D. Carlos I está ligado funcionalmente ao Hospital Termal. O Parque surge e evolui ao sabor dos requisitos e necessidades do Hospital, articulado com a delicadeza do contexto natural. Ao longo dos tempos foram instalados equipamentos urbanos no seu seio que acabaram por assumir um carácter estratégico e o Parque das Termas acabou por se tornar o Parque das Caldas, sendo inclusivamente referenciado como "*ex-libris* da cidade"<sup>56</sup>.

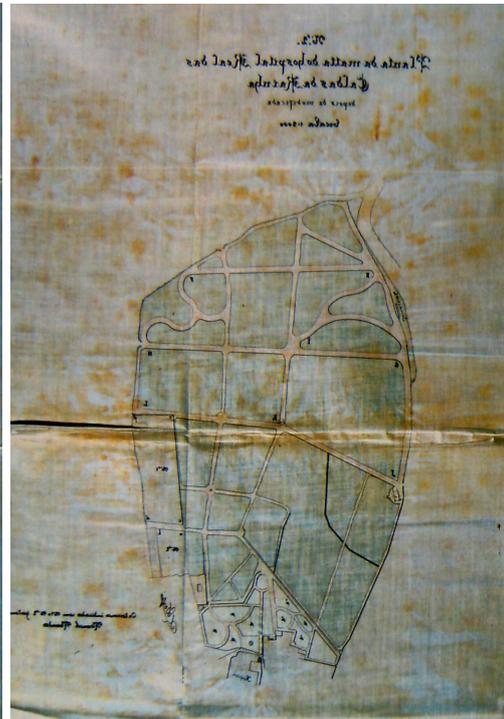
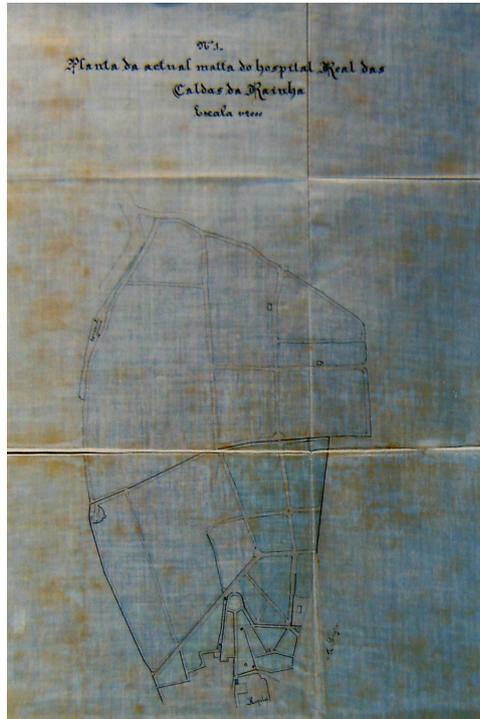
As exigências e gostos de cada época acabam por comandar as alterações que o próprio Parque vai experimentando, seja através do meio vegetal, do lazer, ou através de princípios de higienização.

Apesar de podermos considerar que o desenho do Parque atual teve o seu nascimento há 100 anos atrás, em rigor, a sua História remonta ao início do Hospital Termal e das Caldas da Rainha.

// 18. Rodrigo Berquó, mata do Hospital Real das Caldas da Rainha, planta da situação existente, 1891

// 19. Rodrigo Berquó, projecto de alterações para a mata do Hospital Real das Caldas da Rainha, 1891

076



## ESPAÇO VERDE TERMAL/ ESTÂNCIA TERMAL

A MATA RAINHA D. LEONOR

### A Mata Rainha D. Leonor

O primeiro espaço ajardinado construído nas Caldas da Rainha existia dentro da cerca do Hospital, e encontrava-se delimitado por muros altos em que o acesso se fazia por vários portões, entre eles o acesso à casa Real.<sup>57</sup>

Este jardim de fruto, imbuído de tradição Medieval, incluía uma área de passeio composta por zona agrícola, árvores de fruto e vinha, num terreno inclinado vencido por meio de socalcos, que resultavam em terraços por onde passavam canais de rega. Aos dias de hoje não chegou qualquer desenho que ateste a existência deste Jardim primordial. Somente a descrição de Jorge de São Paulo alude a espécies cultivadas e descreve as diferentes áreas.

O clima ameno das Caldas da Rainha, nunca excessivamente frio no inverno ou desmesuradamente quente no verão, favorecia a produção agrícola, que anualmente servia os aquistas do Hospital. Esta cerca foi evoluindo e sem que seja necessário dilatar a sua descrição, podemos dizer em traços gerais que as mudanças ocorridas não foram significativas.

Em Agosto de 1884 o então Governador Civil, Afonso de Castro, deslocou-se às Caldas da Rainha para deixar um relatório que se debruçava sobre a aplicação de investimentos disponibilizados para o Hospital. Este documento estabelecia a importância da Mata e do Passeio da Copa para os aquistas, que frequentavam as Caldas da Rainha, recomendando o seu cuidado.

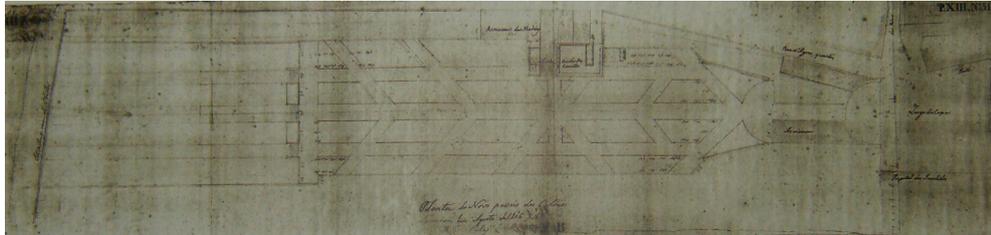
No mês de Janeiro de 1890 é apresentado o primeiro projeto para a mata da autoria de Rodrigo Berquó. No segundo projeto, de Dezembro de 1891, são eliminados alguns elementos, como os canteiros em forma triangular, quadrangular e trapezoidal, em detrimento de um desenho mais curvilíneo. Esta metodologia ou se preferirmos visão, também se pôde constatar no desenho do Parque.

No início do século XX, a Mata disponibilizava e proporcionava espaços e momentos de lazer, como são os casos do hipódromo, dos campos de torneios de tiro, chinquilha, entre outros. Por outro lado, a Mata não representava exclusivamente um espaço de lazer, e nessa lógica, em 1921 realizava-se a 2ª Exposição Agrícola-Pecuária promovendo a divulgação económica e industrial.

Em 1933 o hipódromo foi convertido em campo de jogos pelo Sporting Club das Caldas, e em 1958, foi construído nos terrenos da Mata o novo Hospital de Santo Isidoro (Hospital Distrital), desativando-se o que existia na periferia da cidade. Esta medida adquiriu, já na época, contornos de grande polémica, por serem retirados mais hectares ao conjunto da Mata.

// 20. Planta do Passeio da Copa, Levantamento efectuado em Agosto de 1806

078



## ESPAÇO VERDE TERMAL/ ESTÂNCIA TERMAL

### O PASSEIO DA COPA

A construção do Hospital Distrital e o alargamento da estrada municipal, reduziram substancialmente o perímetro da Mata fragilizando significativamente uma das suas orlas.

#### O Passeio da Copa

O termo “Passear as Águas”, advém de uma prescrição médica realizada nas Termas, consistia num passeio que os frequentadores efetuavam nas Termas ao mesmo tempo que bebia água. Tinha duas funções, a primeira era medicinal a segunda era de lazer. Este Passeio “designa tanto a ação como o local onde se realiza”<sup>58</sup>. No século XVII este passeio acontecia nos corredores do Hospital, ou seja no seu interior. Por aconselhamento médico passa a ser sugerido que o passeio decorresse no exterior, contactando com a natureza e com o ar puro. Esta recomendação acabou por alterar a relação que os aquistas estabeleciam com o espaço natural, criando uma nova componente lúdica.

Assim, o procedimento de “Passear as Águas”, acaba por contribuir de forma generosa para o desenvolvimento do que existe hoje, criando um Jardim, o Passeio da Copa, e posteriormente, o Parque, proliferando no seu interior estruturas com programas diversificados que complementavam a estadia nas termas. Esta fase também foi influenciada pelos costumes higienistas do século XVIII. Os primeiros desenhos do Passeio da Copa são de influência barroca, com rigor geométrico. O acesso era feito em frente ao Hospital, através de uma semicircunferência. Num dos lados encontra-se a albergaria e do outro o armazém. A planta demonstra a existência de três caminhos paralelos em extensão e outros tantos na sua diagonal, o que preenchia o espaço restante entre os caminhos estava ajardinado. No final deste jardim havia um terraço que dava acesso às terras de sementeira.

Em 1837 foi criado o Clube de Recreio, na entrada do Passeio. Este edifício dispunha de biblioteca, sala de leitura e sala de jogos. Por insuficiência de espaço, em 1884, o espaço entre a Casa de Bilhar e o Clube foi fechado com uma estrutura de ferro laminado em forma de arco de volta perfeita, criando assim o vulgarmente denominado “Céu de Vidro”.

Uma mudança profunda na sociedade portuguesa (séc. XIX) de inspiração francesa, em que o absolutismo é derrotado e substituído pelo liberalismo constitucional, acabou por mudar a civilização urbana. Agora os costumes individuais eram privilegiados e o romantismo surge como processo de experiência burguesa de liberdade.



## ESPAÇO VERDE TERMAL/ ESTÂNCIA TERMAL

ARQUITETO. RODRIGO MARIA BERQUÓ/ PAVILHÕES DO PARQUE, HOSPITAL TERMAL, PARQUE D. CARLOS I E MATA RAINHA D. LEONOR

Em Novembro de 1888 chega às Caldas da Rainha o novo administrador do Hospital Termal, sendo o primeiro arquiteto a desempenhar esta função. A preferência por Rodrigo Berquó para o desempenho deste cargo deve-se principalmente à sua experiência técnica no contexto da atividade termal, o arquiteto já tinha sido responsável pelo projeto e direção dos trabalhos de construção no estabelecimento termal de Felgueiras. Assim sendo, reunia todas as condições para assegurar a reforma termal de 1884, sistematicamente adiada por falta de verbas. Neste período, as diferentes administrações que passavam pelo Hospital Termal esforçavam-se por separar o balnear da sua vertente de internamento.

O novo administrador propunha “contribuir para o aumento de higiene e salubridade da vila; construir um grande parque arbóreo [que ampliava para o triplo a área de recreio exterior existente]; implementar a separação física do estabelecimento Balnear e do Hospital Civil de Santo Isidoro junto das Termas, construindo um outro edifício para tal na periferia do aglomerado; tomar posse da praça de touros, por razões financeiras, e do Teatro, englobando-o no projeto de animação termal.”<sup>59</sup>

Em 1889, volvido um ano desde a sua chegada, Berquó enuncia as suas prioridades: a primeira seria edificar de raiz e instalar o Hospital Civil de Santo Isidoro numa zona afastada do centro da cidade, a segunda medida passava por converter o denominado Passeio da Copa em Parque, por último era para si necessária a construção de um novo Hospital, reservado ao internamento de doentes, um desejo manifestado também pelas antigas administrações.

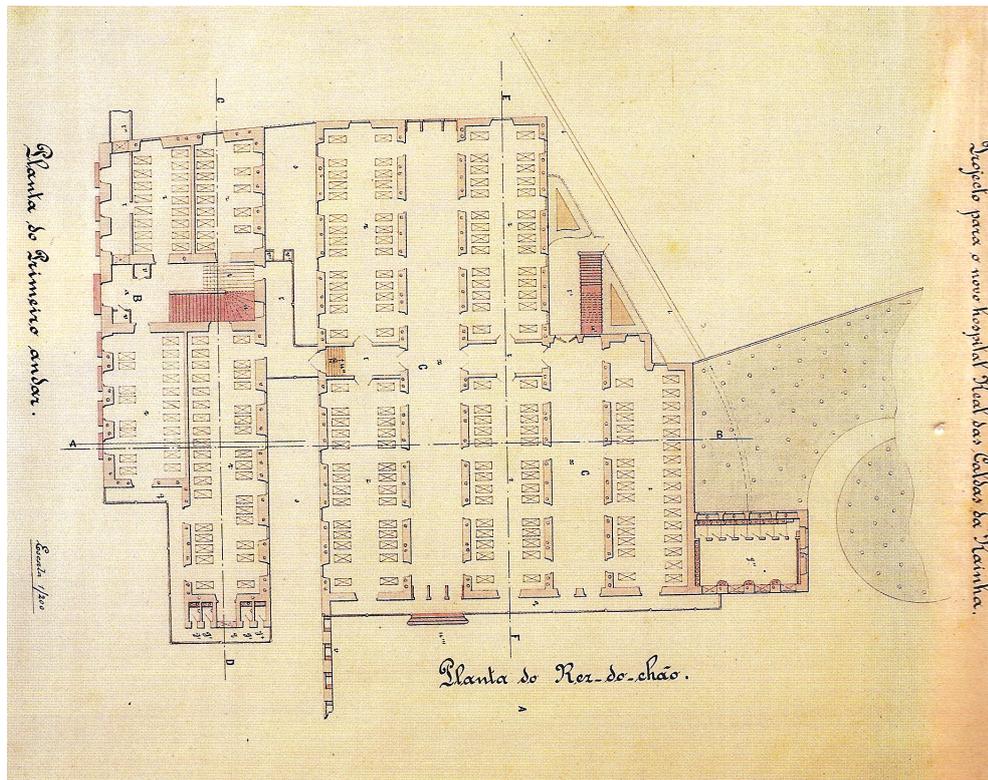
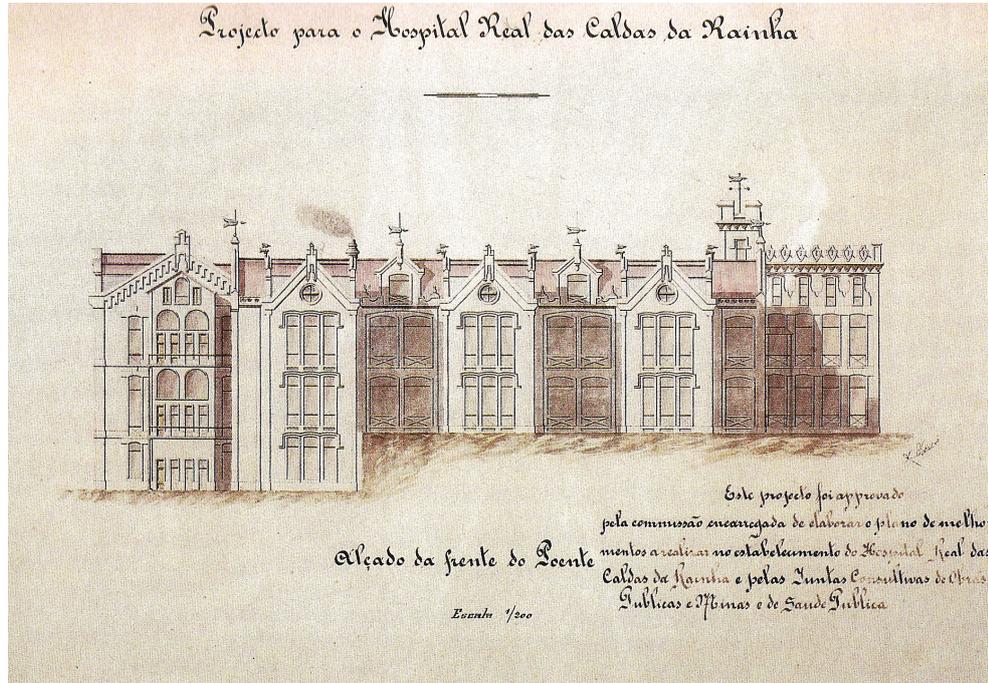
No ano de 1890 foi desenvolvido por Berquó o primeiro projeto do novo Hospital Real (designação que se refere aos Pavilhões do Parque) e ainda nesse ano é elaborada uma segunda versão do mesmo, provavelmente influenciada pela sua viagem a França. Passados quatro anos arrancam as obras para a sua construção, precisamente na mesma data em que começa a ser erigido o novo Hospital de Santo Isidoro.

A Casa da Convalescença estava igualmente integrada na remodelação do novo Hospital Real servindo de local de tratamento, funcionando também como “porta de entrada” para o novo Hospital, dispondo de um acesso privilegiado ao Largo da Copa.

O projeto o Hospital Real das Caldas da Rainha, é composto por seis pavilhões em que o central corresponde a uma galeria que dá acesso aos outros cinco. estes destinavam-se às enfermarias, existia ainda um outro pavilhão “solto”

- // 22. Projecto para o Hospital Real das Caldas da Rainha; 2ª versão (aprovada); Alçado da frente do Poente; Autor: Rodrigo Berquó.
- // 23. Projecto para o novo Hospital Real das Caldas da Rainha; 1ª versão; Planta do primeiro andar.  
Planta do rés-do-chão; Autor: Rodrigo Berquó.

082



## ESPAÇO VERDE TERMAL/ ESTÂNCIA TERMAL

ARQUITETO. RODRIGO MARIA BERQUÓ/ PAVILHÕES DO PARQUE, HOSPITAL TERMAL, PARQUE D. CARLOS I E MATA RAINHA D. LEONOR

localizado na zona sul. O deliberado distanciamento entre pavilhões propiciava condições privilegiadas de arejamento, elemento fulcral num edifício hospitalar.

Existem quatro estudos para este novo Hospital. No arquivo do Hospital Termal encontram-se disponíveis apenas desenhos das duas primeiras versões e duas reproduções fotográficas (albuminas) para a versão final.<sup>60</sup>

As diferenças fundamentais entre estudos centram-se essencialmente na componente formal e não tanto funcional, a esse nível existem de facto muitas semelhanças. Relativamente ao aspeto formal da primeira versão o edifício tem um carácter mais compacto contrastando com a aparente leveza da segunda. A distância entre os volumes também aumenta, passando a distar entre si uma média de 9,5 metros. O pé direito também foi alterado e foram efectuados melhoramentos nas condições de ventilação no sentido de conseguir uma melhor qualidade do ar interior. Na mesma linha de pensamento, Berquó decide separar as enfermarias para que a renovação de ar fosse feita individualmente, sem comunicação entre as mesmas.

Os vãos das enfermarias correspondiam a um terço da superfície de parede, perfazendo no total um conjunto de vinte aberturas para estes espaços. Era possível a renovação do ar em quinze minutos com janelas fechadas através de ventiladores e com janelas abertas, a renovação do ar ocorreria em dois minutos e meio.

É também evidente uma simplificação no desenho das fachadas, algumas platibandas e elementos centrais na fachada desaparecem e são reduzidos a motivos ornamentais da primeira para a segunda versão.<sup>61</sup>

Com as obras do Parque concluídas em 1892, Berquó ajusta o projeto do Hospital Real aumentando em mais um piso os pavilhões centrais (solução que advém do facto da cota do Parque ter ficado mais baixa do que esperado).

Jorge Mangorrinha, refere que “o novo Hospital D. Carlos (Hospital Real) respondia à moda e estratégia termal desse tempo, para equipar as estâncias com grandes equipamentos, localizados muitos deles no interior de zonas arborizadas. Desenhado com um eixo bem marcado, coincidindo com um grande corpo central de distribuição, as alas que lhe são perpendiculares, e formalmente demarcadas, representam a função específica de enfermarias”<sup>62</sup>

A “linguagem” do edifício remete para uma “tradição arquitetónica do



## ESPAÇO VERDE TERMAL/ ESTÂNCIA TERMAL

ARQUITETO. RODRIGO MARIA BERQUÓ/ PAVILHÕES DO PARQUE, HOSPITAL TERMAL, PARQUE D. CARLOS I E MATA RAINHA D. LEONOR

centro e norte da Europa<sup>63</sup> num estilo “revivalista e eclético”, apesar de se identificar mais estes conceitos nas primeiras versões do projeto.

Esta obra “constitui um claro testemunho do pendor fantasioso e cenógrafo do desenho de Rodrigo Berquó<sup>64</sup>, a forte relação com a paisagem, a sua integração num espaço verde e o facto da fachada poente se “debruçar” sobre o Parque, traduz um intenso efeito cénico.

Com o falecimento de Berquó a construção do novo Hospital foi imediatamente suspensa pelo seu sucessor, pois como refere Jorge Mangorrinha, “a difícil condição económica da Instituição” e “a falta de apoio do Estado para este efeito, durante os anos seguintes, e supostamente o aparecimento de outras conceções de âmbito funcional e estético, terão deixado este equipamento à sua eterna condição de edifício inacabado.”<sup>65</sup>

Os Pavilhões do Parque (Hospital Real) não foram os únicos que ficaram por concluir, a anunciada remodelação da Casa de Convalescença, nunca chegou a ser realizada perdendo-se assim um acesso importante através do Largo da Copa. A separação funcional não chega a acontecer, assim como a também planeada construção de um observatório astronómico que fica por cumprir.

No decorrer do século XX os Pavilhões do Parque foram alvo de inúmeros e diversos programas que incluem desde o acolhimento do Regime de Infantaria, a I Exposição Agrícola das Caldas, sede do jornal Gazeta das Caldas, posto de informação turístico, instalações da Biblioteca Municipal e Calouste Gulbenkian, até ao acolhimento de diversos estabelecimentos de ensino ao longo dos anos. Neste momento representa um conjunto edificado devoluto num grau de profunda degradação.

Relativamente ao Parque, logo no primeiro projeto apresentado por Berquó em 1891, constam bem definidos o perímetro do Parque e o seu programa. Constam também desse projeto a primeira versão da implantação do Hospital Real, um lago para práticas desportivas e num espaço mais alargado, o desenho de um velódromo.

Assim para a área lúdica Berquó projeta dois espaços destintos: um lago com uma ilha central e um recinto circular que continha nove campos, desde o ténis ao futebol, tiro e passeio de bicicleta. “O aproveitamento das águas em fontes e lagos, como elemento de recreio e composição paisagista, é característico do século XIX. Os suaves lagos, onde se distribuem grupos de



## ESPAÇO VERDE TERMAL/ ESTÂNCIA TERMAL

ARQUITETO. RODRIGO MARIA BERQUÓ/ PAVILHÕES DO PARQUE, HOSPITAL TERMAL, PARQUE D. CARLOS I E MATA RAINHA D. LEONOR

árvores, significam a clara transposição da "*doceur de vivre*"<sup>66</sup>

Entre o Pinhal e estes equipamentos, propõe um circuito nivelado de caminhos que se entrecruzam e que entre si dão origem a grandes canteiros. Estes caminhos ligam-se a um largo percurso principal, que estabelece a ligação com o exterior. "Com Rodrigo Berquó, o Passeio vai sofrer uma série de transformações, aproximando-se mais do tipo de paisagem romântica"<sup>67</sup>. Contraria assim "a rigidez dos desenhos barrocos do passeio da copa"<sup>68</sup> Este projeto incluía também a ampliação do Clube de Recreio, proporcionando um maior desafogo deste edifício.

Relativamente a este projeto, importa destacar que o seu desenho procurava um afastamento da arquitetura Caldense e uma aproximação á linguagem do Hospital D. Carlos I conhecido também pela denominação de Pavilhões do Parque.

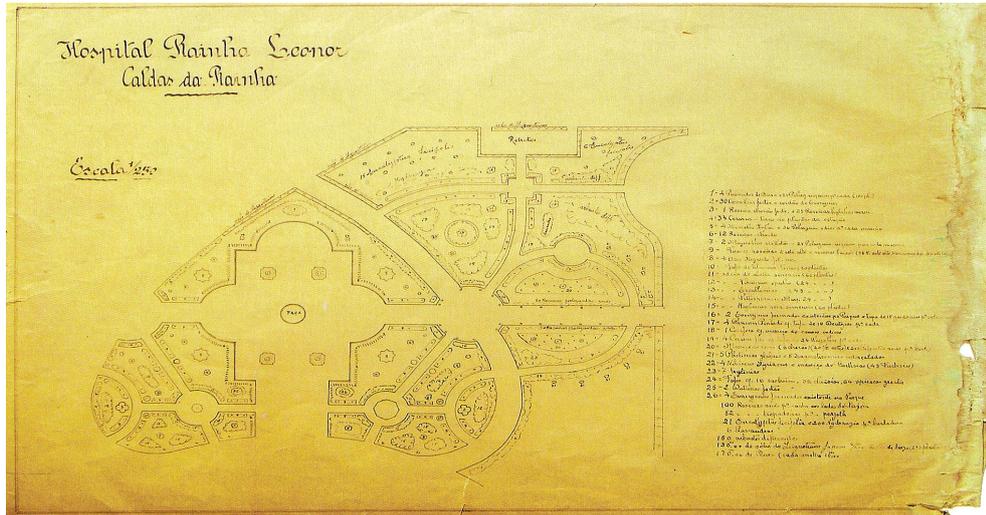
Em 1920 o Hospital arrendou um terreno ao lado dos Pavilhões do Parque, e nesse local foi edificado o teatro Salão Ibérica, que passou a ser mais um importante equipamento, na já vasta lista de estruturas do Parque. No decorrer desta década sucederam-se algumas reformas no Parque, como foi o caso da 5ª Exposição Agrícola-Pecuária, Industrial e de Automóveis, projeto a cargo do arquiteto Paulino Montez. Este projeto efémero permite perceber o desenho do Parque nesse período, não muito diferente da planta desenhada por Berquó.

Foi também proposto ao arquiteto Álvaro Machado um plano de intervenção na estância termal. Para o Parque foram solicitadas propostas para um Pavilhão-Toucador e um Pavilhão de Depósito de Louças (para receber o grupo escultórico das Capelas do Buçaco).

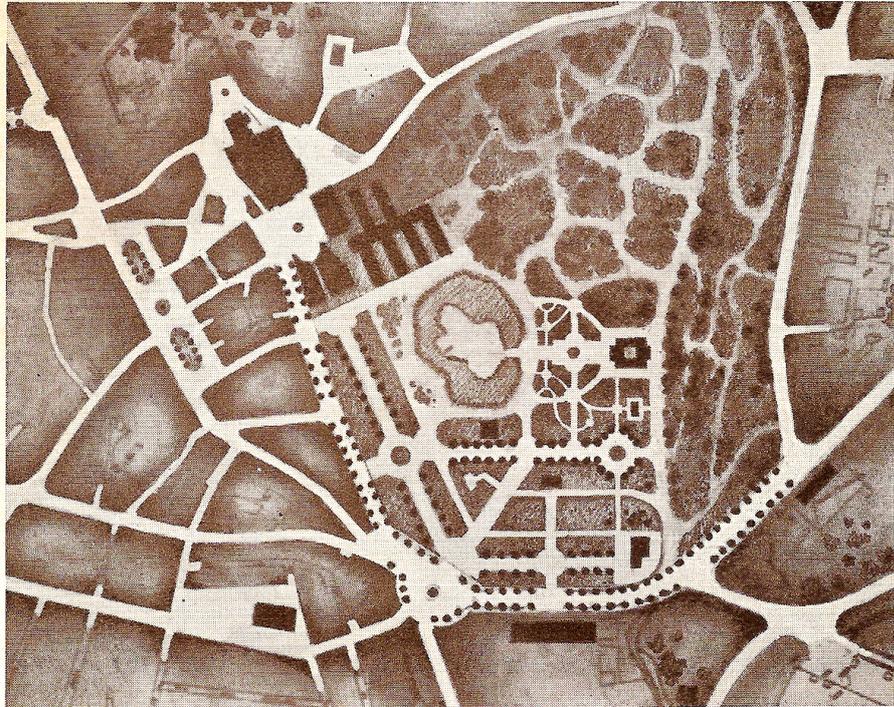
Em 1927 a opinião pública exprimia o desejo de ver o Parque dotado de novos equipamentos como uma casa de chá e uma biblioteca. Solicitavam também que fosse solucionado o problema da concentração de poeiras no Parque. No mesmo ano, a administração do Hospital encomendou ao arquiteto Paulino Montez, um plano para a requalificação do Parque. Este arquiteto ficou também responsabilizado pelo Plano de Regularização, Extensão e Embelezamento da cidade, já referido.

// 24. Paulino Montez, planta do jardim que envolve a pérgola.

// 25.



## URBANIZAÇÃO DAS CALDAS DA RAINHA



REGULARIZAÇÃO E EMBELEZAMENTO DA PARTE MAIS ANTIGA DA CIDADE TRANSFORMAÇÕES NO PARQUE DO HOSPITAL, NA PRAÇA DA REPÚBLICA, NAS RUAS DE CAMÕES E DE D. MANUEL FIGUEIRA, NO LARGO DO CONDE FONTALVA, ETC.

## ESPAÇO VERDE TERMAL/ ESTÂNCIA TERMAL

ARQUITETO.PAULINO MONTEZ/ PARQUE D. CARLOS

O Parque, no entendimento do arquiteto Paulino Montez, pela sua situação e tradição, acaba por não estar limitado a servir como complemento da atividade termal, e é antes lido como parte da rede urbana, “um prolongamento da via pública”<sup>69</sup>, que serve todos os habitantes da cidade. O plano para o Parque fica marcado por estes ideais e encontra-se balizado por cinco pontos, transcritos na íntegra do plano original:<sup>70</sup>

1. Construção, no Largo do Conde de Fontalva, duma nova entrada cujo eixo corresponda ao eixo do mesmo largo;
2. Lançamento duma alameda que, partindo da nova entrada, aproveite a alameda existente (já orientada segundo o eixo do hemicírculo do Largo da Copa;
3. Lançamento duma álea que partindo da mesma entrada, siga a direcção do eixo principal do Largo do Conde de Fontalva;
4. Lançamento duma alameda sobre os terrenos do antigo Campo de Foot-ball e construção de dois pavilhões;
5. Construção dum novo jardim e duma pérgola nos terrenos situados a sul do lago e a leste da Rua Andrade.

As características enunciadas no plano de embelezamento promovem uma intenção clara do arquiteto Paulino Montez: integrar o parque na malha da cidade através da circulação.

Em 1934 a Casa dos Barcos foi totalmente remodelada de forma a receber uma parte da coleção pertencente ao futuro museu da coleção José Malhoa. O anteprojecto do Museu foi desenhado pelo arquiteto Paulino Montez, sendo posteriormente desenvolvido pelo arquiteto Eugénio Corrêa. Para a sua localização foi escolhida uma zona central, em frente ao lago.

Em finais dos anos 40 é construído o Pavilhão Restaurante, desenhado por José Pereira da Silva. Este projecto estava integrado no projecto modernizador do Parque, já responsabilidade do arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral. Este “projecto permitia uma outra relação com o exterior através da inserção de uma ampla fenestração e por disponibilizar uma esplanada.”<sup>71</sup> Houve também a intenção de instalar no Parque a nova biblioteca municipal, na encosta do pinhal. Este projecto nunca foi efetivado, mas pode ser localizado pelo anteprojecto de Francisco Caldeira Cabral.

// 26. Anteprojecto do Parque D. Carlos I pelo Arquitecto Francisco Caldeira Cabral, 1948

Ø90



## ESPAÇO VERDE TERMAL/ ESTÂNCIA TERMAL

ARQUITETO PAISAGISTA.FRANCISCO CALDEIRA CABRAL/  
PARQUE D. CARLOS I E MATA RAINHA D. LEONOR

Em 1948 é chamado às Caldas da Rainha, o professor de Arquitetura Paisagista, Francisco Caldeira Cabral, o primeiro português licenciado em Arquitetura Paisagista, homem de profundos conhecimentos técnico-científicos e fortemente influenciado pelo percurso académico trilhado em Berlim, onde circulavam as mais influentes correntes modernistas.

O projeto do arquiteto paisagista acabou por trazer novos princípios que pretendiam orientar o Parque numa nova perspectiva. Este propõe não só os arranjos da envolvente dos edifícios, mas também uma modernização dos espaços verdes sob a influência de novos conceitos. São descritos abaixo os objetivos gerais do plano:<sup>72</sup>

- Criação de uma zona relvada que envolvesse o lago, principalmente na zona de acesso ao coreto e ao Museu;
- Substituição da vegetação em volta do lago retirando as palmeiras;
- Reposicionamento do parque infantil;
- Aumento da zona destinada ao ténis, eliminando o jardim aí existente;
- Introdução de novas espécies herbáceas e arbóreas, substituindo algumas e abrindo novas clareiras;
- Implantação de um local para a biblioteca pública;
- Criação de uma nova faixa de terreno, anulando uma série de jardins individuais, desde os terrenos junto ao museu José Malhoa até á fábrica de faianças Rafael Bordalo Pinheiro;

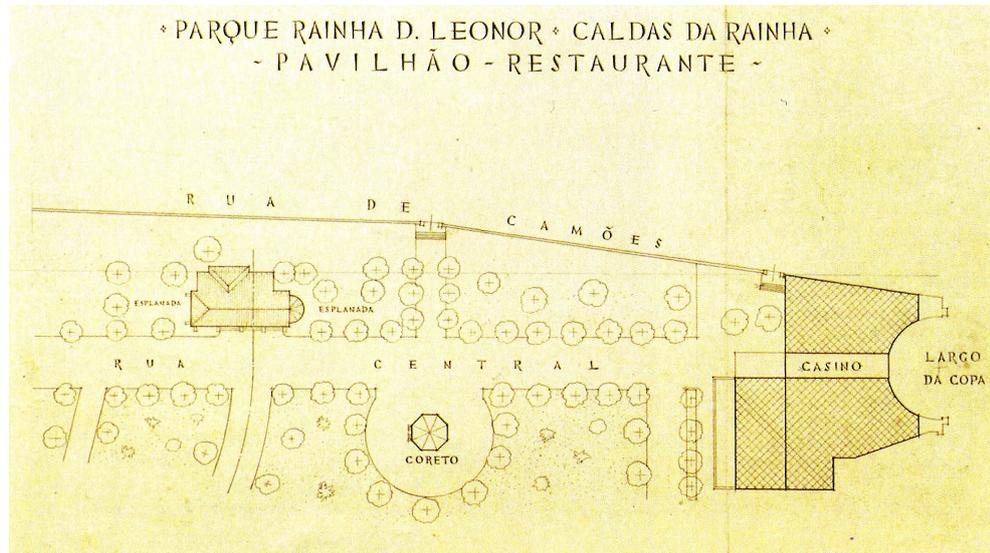
Com base nestas propostas podemos perceber que existia o intuito de dotar o Parque de grandes zonas verdes em que predominava a relva, própria de uma zona húmida, que era mais fácil de manter e conservar, e que oferecia boas condições de desenvolvimento.

A nova proposta de tratamento da zona que envolvia o Museu compreendia o abandono da linguagem tradicional, formulada pelo singelo canteiro rodeado de caminhos e de espaços na sua maioria pavimentados.

Como já foi introduzido anteriormente, a proposta para o novo edifício da biblioteca localizava-se na zona do Pinhal, perto do cruzamento da estrada para Lisboa. Era sugerida também, para essa zona, uma série de percursos pedonais de deambulação, semelhantes á proposta de Berquó, mas interligados. “Esta proposta é bem representativa da rotura na “linguagem” do desenho de jardins ainda corrente na época e a nova proposta.”<sup>73</sup> .

// 27. Planta de localização do Pavilhão-Restaurante no Parque D. Carlos I, 1949-50. A implantação do edifício foi decidida pelo Arquiteto Francisco Caldeira Cabral.

092



## ESPAÇO VERDE TERMAL/ ESTÂNCIA TERMAL

ARQUITETO PAISAGISTA. FRANCISCO CALDEIRA CABRAL/  
PARQUE D. CARLOS I E MATA RAINHA D. LEONOR

A proposta em questão, apesar de ter sido acolhida com agrado pela administração do Hospital, só foi materializada na zona do lago e na zona norte, em parte por oposição do arquiteto Paulino Montez, que a entende como redutora relativamente ao edifício do Museu. O arquiteto aposta no redesenho dos antigos canteiros, “entendo-os num espaço formal, com placas relvadas e canteiros de flores anuais.”<sup>74</sup>

Assim sendo, é perceptível que a intervenção de Francisco Caldeira Cabral, no início dos anos 50, apesar de menos abrangente do que estava proposto no antepiano, marcou culturalmente e profundamente as características do espaço do Parque.

No decorrer desta década, inicia-se a construção do Hospital Distrital, dentro da cerca da Mata, e a concretização da ampliação do museu José Malhoa. Na década seguinte é instalado no Parque o Parque de Campismo. Estas duas medidas, aqui assinaladas, alteraram significativamente a área do conjunto Mata e Parque.

Nos anos oitenta existiu um aumento de aquisições na ordem dos 33% relativamente ao início do século. Consciente da importância que representava a qualidade do espaço termal, a administração do Hospital convida novamente o arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral para retomar a intervenção dos anos 40/ 50.

Os objetivos desta proposta consistiam não só em solucionar os problemas das zonas verdes, mas também em fazer o enquadramento socioeconómico da atividade termal.

Seguindo este propósito é solicitado o apoio para a proteção dos espaços verdes termais (Mata e Parque), tentando-se a suspensão de uma via circular que iria passar em plena Mata. A circular em questão figurava no plano do arquiteto Paulino Montez, de 1949.

Com este apoio foi igualmente negociada a realocação da fábrica de faianças Rafael Bordalo Pinheiro, e as urbanizações em franco crescimento na Quinta de Santo Isidoro e Quinta da Boneca.

Quando se procedeu ao levantamento da situação dos designados espaços verdes termais, verificou-se que tinham sofrido uma sobrecarga de utilização e que apresentavam dificuldades nos campos de recuperação e conservação.

Só no que diz respeito a cedências de área, relativamente ao anterior estudo, a Mata acaba por perder separadamente: campo de futebol (2,2 ha), hospital distrital (3,3 ha), pavilhão polidesportivo (0,5 ha) e estacionamento



## ESPAÇO VERDE TERMAL/ ESTÂNCIA TERMAL

ARQUITETO PAISAGISTA.FRANCISCO CALDEIRA CABRAL/  
PARQUE D. CARLOS I E MATA RAINHA D. LEONOR

(0,4 ha). No conjunto, cerca de 6,4 ha, o que corresponde a uma perda de 35% na sua ala norte.

O novo projeto propunha a realocização do pavilhão gimnodesportivo e do campo de futebol existentes para uma zona verde municipal. Propunha a compra da Quinta de Santo Isidoro, como forma de combater a perda de área, que havia tomado lugar com o passar do tempo, mas também para prospecção de novas linhas de águas termais. A aquisição desta área permitia assegurar a manutenção da qualidade das águas infiltradas no aquífero, permitia regular a qualidade do ar nas áreas de recreio termal, e possibilitava ainda, em suma, um maior controlo da poluição provocada pela libertação de gases resultantes da circulação automóvel. Uma outra questão que estava previsto assegurar seria a limitação do desenvolvimento do hospital distrital, arborizando a sua envolvente.

A aquisição da Quinta da Boneca proporcionava uma ligação mais evidente entre a Mata e o Parque, constituindo assim “uma espinha dorsal”<sup>75</sup> verde na zona sul da Cidade. A reestruturação dos percursos existentes na Mata, com a recém criada grelha de circulação, iria ser extrapolada também para os conceitos urbanos da Quinta de Santo Isidoro e Quinta da Boneca. A totalidade do conjunto estaria articulada com o Parque. Por fim, era sugerida também a criação de um parque urbano para recreio da população residente.

Relativamente ao Parque, o plano propôs: uma simplificação dos canteiros e diversificação das plantações, a criação de um espaço relvado em torno da margem sul do lago, tal como a sugerido pelo plano de 1949, reforço da iluminação, criação de uma nova área de campos de jogos e, em virtude da necessidade de eventos culturais, sugeria-se a construção de um anfiteatro ao ar livre numa zona calma (Pinhal).

Era sugerida a redução da zona transitável, em automóvel, no Largo da Copa, no sentido de minimizar a poluição acústica e ambiental verificada, e também por forma a reduzir o “stress urbano na recuperação psicofisiológica da população”<sup>76</sup>. Para dissolver a premente questão relativa ao estacionamento automóvel, seria usada para o efeito a antiga parada. Na área que envolve o Hospital Termal deveria ser condicionado o tráfego automóvel a utentes do Hospital e moradores.



## **ESTRATÉGIA PARA AS CALDAS DA RAINHA ATRAVÉS DA SUA MEMÓRIA URBANA.**

097

Este último capítulo “Estratégia para as Caldas da Rainha através da sua memória urbana”, irá incidir o seu discurso sobre objetos icónicos nas cidades, estabelecendo uma relação com aquilo que será o objeto icónico nas Caldas da Rainha (Pavilhões do Parque e Parque D. Carlos I). Este objeto icónico será defendido através dos discursos de Kevin Lynch, Sébastien Marot e Charles Jencks.

O Efeito Bilbao surge neste contexto como mecanismo de reunião de todas as valências das Caldas da Rainha (Pólo museológico/ Centro Cultural e de Congressos/ Escola Superior de Arte e Design/ antigos Silos/ novo parque urbano), concentradas num elemento catalisador, (Pavilhões do Parque e Parque D. Carlos I).

O Hospital Real projetado por Berquó, conheceu, com a passagem do tempo, a denominação de Pavilhões do Parque, que persiste até à contemporaneidade e que confere à estrutura uma identidade própria. Kevin Lynch diz que “a doação de um nome tem um determinado poder, desde que esse seja um nome conhecido e aceite. De facto, se pretendermos tornar o nosso ambiente significativo, temos necessidade de uma tal coincidência de associação e de imaginabilidade.”<sup>77</sup>

A imagem de uma cidade pode ser fixada por intermédio de um elemento excepcionalmente marcante que a torna singular. Invocando no observador uma imagem extremamente forte, que lhe fica na memória. Neste sentido “os pavilhões do parque representam um marco importante na imagem da Cidade, já que constituem uma peça incontornável da sua paisagem urbana e, em particular, do Parque D. Carlos I. Simultaneamente, têm uma importância ímpar na iconografia caldense, apenas acompanhados pela Praça da República, pelo Hospital Termal e Largo Rainha D. Leonor, e pelo antigo Grande Hotel Lisbonense.”<sup>78</sup>

Como sugere Jorge Mangorrinha, o parque D. Carlos I e a Estância Termal, podem ser entendidos como os dois elementos mais marcantes nas Caldas da Rainha. Nesse sentido, possuem “o poder” de motivar e de desencadear uma reforma no panorama urbano caldense.

Não é intenção deste capítulo formalizar uma proposta com um trajeto estabelecido, ou sequer, definir os instrumentos a utilizar para eventualmente a levar a cabo. O propósito deste capítulo centra-se na definição de uma estratégia mais abrangente, enquadrada com a escala da cidade, estudando



## ESTRATÉGIA PARA AS CALDAS DA RAINHA ATRAVÉS DA SUA MEMÓRIA URBANA.

099

os seus pontos fortes e o seu potencial efetivo enquanto agente regenerador através da memória e através também da articulação com outros elementos de destaque.

O elemento catalisador que alimenta esta estratégia é a Estância Termal, pela relevância do seu percurso histórico, e por se fundir com aquilo que foi a gestação e o nascimento da cidade. Também pela importante memória coletiva dos seus utilizadores.

Sébastien Marot em "Suburbanismo y el arte de la memoria", refere "... el arte de la memoria, lejos de ser un anexo, ocupa una posición central en el edificio de la cultura clásica, donde ejerce un papel estructural, solidario con las demás grandes ramas de la retórica."<sup>79</sup>

À civilização Grega foi atribuída a criação de diversos contextos artísticos. Um desses contextos foi definido como a arte da memória que consistia em memorizar locais através da inscrição na memória do indivíduo de imagens e lugares.

Este sistema "mnemónico", como refere Sébastien Marot, é de uma forma substancial aplicado a lugares arquitetónicos, de construção humana. O autor evoca como exemplo as casas que habitamos e fruímos, edifícios públicos (nomeadamente termas) e sequências urbanas e cidades.<sup>80</sup> Quintiliano acrescenta que o mais importante é "que se trata de lugares cuyas configuraciones y relaciones quedan fijadas y son gobernadas por uno o varios recorridos determinados".<sup>81</sup>

Resumidamente, "la memoria artificial apela a un paisaje que, en sí mismo, es relativamente artificial"<sup>82</sup>, esta memória artificial é invocada pelo indivíduo da forma que melhor lhe convém, elegendo os lugares e formando as suas próprias memórias através das suas experiências.

A arte da memória pode estender-se não só á arquitetura, mas também ao "urbanismo y el arte de los jardines"<sup>83</sup>, quando aplicada ao urbanismo, representa uma memória coletiva que trás ordem e referenciação à complexidade urbana.

As afirmações que se referem à cidade em geral podem ser extrapoladas para a paisagem, parques e jardins, como já foi aludido. Repescando esse argumento podemos enquadrar neste contexto de memória o Parque D. Carlos I,

---

Ø100

## **ESTRATÉGIA PARA AS CALDAS DA RAINHA ATRAVÉS DA SUA MEMÓRIA URBANA.**

que representa a memória coletiva do único espaço verde importante existente nas Caldas da Rainha.

A arte da memória encontrou nestes jardins a sua força de expressão maior, pela grande diversidade de participantes, nos diferentes temas que são abordados e na riqueza de perspetivas que o tema da memória pode oferecer. Citando de novo Sebastian Marot, “desde el hortus conclusus medieval hasta las creaciones de la época barroca, e incluso hasta más tarde... podemos citar muchísimos ejemplos de parques y jardines cuyos aparato simbólicos, emblemáticos y figurativos van asociados a uno sistema de imágenes mnemónicas”.<sup>84</sup>

A arte dos jardins consistia na representação ou mimetização de todos os elementos que constroem o conjunto natureza. Nesse sentido, o jardim procura a semântica na paisagem empreendendo as mais diversas tentativas para organizar e implementar os mais diversos elementos da natureza num espaço circunstancial. Seguindo esta perspectiva “la transformación del territorio en paisaje, gracias al arte de los jardines, puede relacionarse con el proyecto de formar unos sistemas de lugares y ponerlos a disposición de la memoria tanto individual como colectiva.”<sup>85</sup>

Nas cidades os espaços eram construídos e idealizados sobre uma vontade de satisfazer a imaginação, os jardins constituem um exemplo desses espaços construídos e representam “un espacio vacante en el que todas las épocas de la ciudad están presentes de un modo virtual y simultáneo, puesto que ninguna de ellas se impone en su opacidad construida.”<sup>86</sup>

Na mesma cidade coexistem diferentes indivíduos que estabelecem relações diferentes com cada segmento da mesma, a imagem que têm dela está repleta de memórias e de significados. As diversas atividades que estes indivíduos realizam, são tão importantes como as partes físicas e imóveis da cidade.<sup>87</sup> Assim sendo, qualquer estratégia tomada deve ter em conta este fator como peça fundamental.

Para a cidade de Bilbao, Frank O. Gehry concebeu um edifício que encerra um conjunto de argumentos relativos a edifícios icónicos.

A cidade de Bilbao tinha a intenção de reconverter estaleiros industriais e navais pré-existentes e desativados em espaços públicos, intercalados com equipamentos culturais. Esta iniciativa englobou a construção de um museu

---

Ø102

## ESTRATÉGIA PARA AS CALDAS DA RAINHA ATRAVÉS DA SUA MEMÓRIA URBANA.

sucursal da Solomon R. Guggenheim Foundation.

A regeneração urbana pretendida para a cidade aliada à arquitetura de autor cumpria os requisitos do marketing urbanístico, mas estas intervenções não se ficavam só pela arquitetura de Gehry. A ela, juntavam-se nomes como Norman Foster que desenvolveu uma nova linha de metropolitano, Santiago Calatrava que ficou encarregue do novo terminal aeroportuário, James Stirling e Michael Wilford que desenharam a nova estação de interface rodoviário.<sup>88</sup>

As intenções previstas para este programa de regeneração excederam claramente as expectativas, acabando por colocar no mapa uma até então quase “desconhecida” cidade como Bilbao. Esta mediatização mundial em que a arquitetura se torna um produto de consumo acabou por ser designada por “Efeito Bilbao”.<sup>89</sup>

Inicialmente foram levantadas dúvidas relativamente às vantagens de construir o edifício de carácter icónico desenhado por Gehry, mas em pouco tempo as dúvidas foram dissolvidas face ao considerável aumento do turismo e regeneração económica e cultural.

De uma forma sucinta, poderá dizer-se que um conjunto substancial dos indivíduos que visitam este museu está mais interessado em perscrutar o projeto de arquitetura, em detrimento do protagonismo artístico, por norma privilegiado no contexto museológico. No carácter icónico deste projeto em particular, é enfatizada a forma e o valor acrescentado decorrente da escolha de materiais de âmbito inovador e tecnológico. A combinação deste dois argumentos, entre outros que constroem o carácter icónico do edifício, presume a ideia de destaque quase em absoluto.

Numa leitura social e política, este projeto ficou reconhecido como um símbolo de poder e de postura vanguardista da cidade, o que despertou numa série de outras o desejo de receber as novas sedes da fundação, ou de outros congéneres.

Um ícone arquitectónico é materializado por uma boa imagem, uma noção clara incrustada na memória, que comunica e que promove o seu reconhecimento global. Na visão suportada pelo próprio Frank Gehry: “I wanted the Guggenheim Bilbao to have an iconic presence in the city. I wanted it to work for the arts. I wanted it to connect to the city, to the bridge, to the water, to the 19th century, so that it became a usable part of the city (...). That is the spirit of urbanism I

---

Ø104

## ESTRATÉGIA PARA AS CALDAS DA RAINHA ATRAVÉS DA SUA MEMÓRIA URBANA.

tend to be interested in”<sup>90</sup>

Projetos como o Guggenheim de Bilbao assumem individualmente uma proeminência de proporções consideráveis no que toca aquilo que podem oferecer à dinâmica da cidade, contudo, o seu verdadeiro trunfo está nas conexões que estabelecem numa óptica de conjunto, criando nós de convergência. Quanto mais cruzamentos existirem maior se manifesta a capacidade atrativa.

“Nesta materialização um pouco abstrata dos movimentos físicos e metafísicos, é curioso reparar que os pontos são os espaços de maior dinamismo e intensidade, contrariando a sua definição habitual de estaticidade. Aliás, os conceitos de dinamismo e de movimento constante afirmam-se como fundamentais na sociedade contemporânea”.<sup>91</sup>

Não existe uma regra que defina com precisão um edifício icónico. Nesse sentido Jencks considera que “we live in a permissive, radically egalitarian era when any building type can be an icon.”<sup>92</sup>

Enquadrado com a teia teórica e conceptual documentada por vários autores e apresentada nesta perspectiva, o conjunto Pavilhões do Parque e Parque D. Carlos I constituem um “objeto icónico” na cidade, pois ao contrário daquilo que seria uma visão instituída sobre a temática de edifícios icónicos, estes não se apresentam sempre numa postura de exagero ou de confronto. Em alguns casos, a antiguidade e história de determinados edifícios podem funcionar como argumentos que definem valor icónico, com a energia necessária para conquistar diferentes tipos de público. Estes edifícios podem “corporizar homenagens, momentos especiais ou eventos marcantes; e ainda podem ser, objetos que expressam desejo de representatividade futura (pelo tipo de programa que albergam, pela inovação tecnológica, demonstrando a capacidade inovadora e o poder económico de uma sociedade).”<sup>93</sup>

“A característica chave destes é a originalidade, um aspecto que é memorável ou único num contexto. No caso de terem a forma clara, os elementos marcantes tornam-se, ainda, mais fáceis de identificar; isto verifica-se, igualmente, quando contrastam com o cenário de fundo ou se localizam espacialmente num local predominante. O contraste com as formas de cenário parece ser o mais importante”<sup>94</sup>. A localização específica dos Pavilhões do Parque, de referência

// 28. Vista aeres sobre o Parque D. Carlos I, pelo lado Poente

// 29. Vista aerea sobre a estancia termal, do lado Nascente

Ø106



## **ESTRATÉGIA PARA AS CALDAS DA RAINHA ATRAVÉS DA SUA MEMÓRIA URBANA.**

na cidade, contribui para a afirmação da sua identidade. Segundo Lynch, para que um edifício fique na memória de um observador, é necessário que tenha a capacidade de ser marcante tanto pela sua dimensão como pela concentração de atividades: "The successful landmark has to be both enigmatic and expressive, it must suggest much more than it names, and leave the final interpretation, if it ever comes, up to the critics, the public, and the detectives of mystery. These few lucky buildings are good examples of what Umberto Eco has called "the open work," those creations that allow completion by the viewer, those that elicit multiple interpretations along coherent but unchartered lines"<sup>95</sup>.

Pode ser definida uma estratégia urbana para as Caldas da Rainha assente nestas considerações. É necessário provocar na cidade uma regeneração urbana que passe por identificar os vários possíveis ícones da cidade explorando o "Efeito Bilbao", tendo como elementos catalisador principal o parque D. Carlos I e a Estância Termal.

É importante referir que esta estratégia apesar de se "colar" ao exemplo de Bilbao, inclui uma diferença substancial: não é invocado o conceito de "star system" como solução, o objetivo neste caso, é a reinterpretação daquilo que de facto existe, e disso faz parte a identificação e a fundamentação.

Para que esta opção estratégica resulte, será necessário acrescentar mais oferta ao conjunto de valências que já fazem parte da Estância Termal. Esta é uma opinião partilhada com o ISCTE<sup>96</sup> que, neste âmbito, elabora um estudo consubstanciando a ideia de que a nova proposta para a Estância Termal, se deve basear no conceito "Caldas da Rainha Thermal and Spa Resort". É evidente que a mais-valia de criar um Spa "apoiado" na estância termal pode ser explicada pela oferta que aquele "tipo" de serviço já oferece: o ambiente recreativo, de lazer e a prática de cura medicinal. Mas existem também os argumentos associados ao clima característico e, de resto, e na generalidade, a potencialidade das suas águas, como já foi referido. Esta oferta está adaptada a um emergente culto do corpo e de vida saudável, contingências da atualidade que funcionam em benefício deste plano estratégico.

Existem outros elementos que servirão de catalisador para este "Efeito Bilbao" importado para a realidade das Caldas da Rainha (ver anexo), no conjunto



## **ESTRATÉGIA PARA AS CALDAS DA RAINHA ATRAVÉS DA SUA MEMÓRIA URBANA.**

desses possíveis elementos, destacam-se os antigos Silos de Cereais da cidade, hoje reconvertidos em “viveiro para artistas”, onde é explorada uma perspectiva de *co-working* extremamente popular. O espaço, para além de ser partilhado por profissionais e estudantes das áreas da arquitetura, do design e das artes plásticas, em contexto de desenvolvimento de projetos, é também utilizado como centro de exposição do trabalho dos seus autores. Outro dos polos em destaque nesta articulação estratégica é a Escola Superior de Artes e Design, do Instituto Politécnico de Leiria, detentora de um prémio Secil Arquitetura e escola de grande prestígio nas áreas de Artes Plásticas e Design.

Existem uma série de outros “interlocutores” que poderão funcionar neste registo de conexão. São exemplos, um novo parque urbano que aguarda construção, da autoria do Atelier Embaixada, um Centro Cultural e de Congressos, da autoria de Ilídio Pelicano, e ainda um amplo núcleo museológico composto pelos museus do Ciclismo, Museu do Hospital Termal e das Caldas da Rainha, Museu José Malhoa, Casa Museu São Rafael, Museu de Cerâmica, Museu Barata Feyo e Centro de Artes que engloba o Atelier-Museu António Duarte e o Atelier-Museu João Fragoso.

A articulação deste conjunto de elementos de carácter arquitectónico terá certamente o poder de regenerar a cidade das Caldas da Rainha, e quando essa conexão entre eles estiver bem estabelecida, e for bem sucedida, podemos afirmar que as Caldas da Rainha também experimentaram o seu “*Efeito Bilbao*”.

---

Ø110

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“A cidade deve ser planeada, gerida e vivida como um ecossistema integrado no território global, tal como o espaço urbano é desenhado e construído como elemento desse ecossistema em que está inserido. A visão sistémica, em que tudo está relacionado com tudo dentro de um mesmo sistema, e a visão holística, em que o todo é maior do que a soma das partes, são dois aspetos importantes neste contexto.”*

### **Jorge Mangorrinha 2009**

Tirando partido da análise morfológica levada a cabo, conseguimos perceber o poder da influência da estância termal, que move a cidade até finais do século XIX.

Durante o século XX, a cidade deixa de manifestar essa clara dependência, até então verificada, relativamente ao Hospital Termal, e nesse sentido são estabelecidas condições para a criação de novos equipamentos e novas mudanças urbanas.

Contudo esta efetiva perda de influência, se quisermos, não invalida de modo algum o poder enquanto marca e enquanto presença urbana que o Hospital Termal foi adquirindo no enquadramento da cidade.

A imagem das Caldas da Rainha é conotada com uma realidade marcante que lhe confere aquilo que poderíamos classificar como elemento identitário próprio, a Estância Termal, que sempre deteve o poder de regenerar a cidade.

Segundo a lógica de Kevin Lynch, a imagem que o indivíduo tem da cidade é composta de significados e memórias. A análise feita sobre a temática da memória é consubstanciada pela análise recente de Sébastien Marot.

Baseado no exemplo do “Efeito de Bilbao” percebemos em que sentido um edifício pode adquirir o estatuto de ícone numa cidade, quando aliado a uma série de outros argumentos.

O objetivo da estratégia não é criar um objeto icónico, é antes utilizar o existente, articulando-o com os outros também existentes na cidade.

Seguindo esta lógica, foi delineada uma estratégia para o contexto das Caldas da Rainha. O modelo estratégico não indica um caminho a seguir, procura antes afirmar um claro ponto de partida.



---

Esta dissertação está preparada para ser “utilizada” pelo município num sentido estratégico, percebendo o ponto de partida indicado e as valências da cidade.

O facto da estância termal estar incluída dentro de um núcleo urbano, constitui um importante elemento de diferenciação relativamente a outras cidades, o que torna as Caldas da Rainha uma cidade única.

A arquitetura teve sempre um papel importante na qualificação e qualidade das intervenções efetuadas na Estância Termal, quando essa ausência se tornou visível, os espaços termais conhecem o esquecimento e a decadência.

É necessária a revitalização das termas e através desta reforma, é dada uma oportunidade à cidade, requalificando o seu parque, valorizando as condições ambientais existentes. Perspetiva-se uma imagem de futuro propiciada pelo contexto ambiental.



## BIBLIOGRAFIA

---

### Livros

Ø115

Ascher, François - **Metapolis - Acerca do futuro da cidade**. Oeiras: Celta Editora, 1998, 240 p.

ISBN 972-8027-89-3

Ascher, François - **Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos, Um léxico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010, 176p.

ISBN 978-972-24-1670-2

Barros, Luís Aires coord. - **Caldas da Rainha: património das águas**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. 368p.

ISBN 972-37-1047-1

Cabral, Francisco Caldeira - **Fundamentos da arquitetura paisagista**. Lisboa: Inst. Conservação da Natureza, 1993. 220p.

ISBN 9728083122

Cullen, Gordon - **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 2010. 208p.

ISBN 978-972-44-1401-0

Domingues, Álvaro coord. - **Cidade e Democracia**. Trinta anos de Transformação Urbana em Portugal. Lisboa: Argumentum Edições, 2006. 400p.

ISBN 972-8479-39-8

Domingos, Álvaro - **A Rua da Estrada**. 1ªed. Porto: Dafne Editora, 2009 260p.

ISBN 978-989-8217-06-6

Fadigas, Leonel - **Urbanismo e Natureza - Os Desafios**. 1ªed. Lisboa: Edições Sílabo, 2010. 149p.

ISBN 978-972-618-595-6

Jencks, Charles - **The Iconic Building: the Power of Enigma**. Londres: Frances Lincoln, 2005. 224p.

ISBN 0711224269.

Lôbo, Margarida Sousa - **Planos de urbanização A época de Duarte Pacheco**.



## BIBLIOGRAFIA

2ª ed. Porto: faup publicações, 1995. 305p.  
ISBN 972-9483-14-0

Lynch, Kevin - **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 2009. 200p.  
ISBN 978-972-44-1411-9

Lynch, Kevin - **A Boa Forma da Cidade**. 13ªed. Lisboa: Edições 70, 2010. 446p.  
ISBN 978-972-44-1330-3

Mangorrinha, Jorge - **O Lugar das Termas**. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.  
302p. ISBN 972-24-1107-1

Mangorrinha, Jorge - **Pavilhões do parque, Património e termalismo nas Caldas da Rainha**. Caldas da Rainha: Edição centro hospitalar Caldas da Rainha, 1999. 64p.  
ISBN 972-95473-4-3

Mangorrinha, Jorge - **Rodrigo Berquó Cantagalo 1839-1896 Arquitecto das Termas**. Caldas da Rainha: Gracal, 1996. 138p.  
ISBN 972-95473-2-7

Mangorrinha, Jorge; Pinto Helena - **O Desenho das Termas: História da Arquitectura Termal Portuguesa**. 1ª ed. Odivelas: 2009. 514p.  
ISBN 978-989-20-1676-4

Marot, Sébastien - **Suburbanismo y el arte de la memoria**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006. 150p.  
ISBN-13: 978-84-252-1994-8

Montez, Paulino - **Caldas da Rainha; Um Plano de Extensão, de Regularização e de Embelezamento da Cidade**. Lisboa, Coleção Estudos de Urbanismo em Portugal, 1941 (3). 30p.

Mumford, Lewis - **A cidade na história, suas origens transformações e perspectivas**. 4ª ed. São Paulo, Martins fontes, 1998, 742p.  
ISBN 9788533624092

Portas, Nuno - **A cidade como arquitectura**. 2ª ed. Lisboa: Edição Livros Horizonte, 2007. 212p.



## BIBLIOGRAFIA

ISBN 972-24-1463-1

Ø119

Portas, Nuno coord. - **Políticas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 295p.

ISBN 972311061

Providência, Paulo - **A Cabana do higienista**. Coimbra: EDARQ- Edições do departamento de Arquitectura, 2000. 188p.

ISBN 9729738351

Rodrigues, José Manuel coord - **Teoria e crítica de Arquitectura - Século XX**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2010. 1022p.

ISBN 978-989-658-065-0

Rossi, Aldo - **A arquitectura da cidade** - 2ª ed. Lisboa: Ed.Cosmos, 2001. 258p.

ISBN 9727621260

Serra, João B. - **21 anos, pela história: pela História: Caldas da Rainha, estudos, notas e documentos**. 1ªed. Caldas da Rainha: Graficampo, 2003. 688p.

ISBN 972-8154-23-2

Serra, João B. - **Introdução à história das Caldas da Rainha**. 2ª ed. Caldas da Rainha: Graficampo, 1995. 126p.

ISBN 972-8154-06-2

Soure, Dulce - **Um parque para as Caldas: história do Parque D. Carlos I**. 1ªed. Caldas da Rainha: Gráfica da Ponte, 1993.104p.

ISBN 972-95508-8-3

Tostões, Ana - **Do Estádio Nacional ao jardim Gulbenkian : Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)**.

Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 319p.

ISBN 9726780349

Zevi, Bruno - **Saber ver a arquitectura**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1984, 276p.

ISBN 8533605412

---

Ø120

## BIBLIOGRAFIA

---

### Artigos e Publicações

Ø121

**Cidade Termal - Boletim de Cultura Urbana.** Caldas da Rainha. Agosto 2002, nº 2

**Cidade Termal - Boletim de Cultura Urbana.** Caldas da Rainha. Janeiro 2003, nº 3

**Cidade Termal - Boletim de Cultura Urbana.** Caldas da Rainha. Janeiro 2005, nº 7

Coelho, Alexandra Prado - **Periferia: onde tudo (mas mesmo tudo) ainda é possível.** Jornal de Arquitectos, nº 231, p. 22-29.

Domingues, Álvaro - **Periferias urbanas: os excessos do discurso e a pobreza das políticas.** Revista NU. Coimbra. ISBN 16453891. 20 (2004) p. 32-35.

**Punkto.** Porto: Junho 2010, vol. 0.

Montez, Paulino - **A V Exposição das Caldas.** Arquitectura. Lisboa. 12 (1927) p.184-186

### Teses e Provas Académicas

Duarte, Miguel - **Uma vila que gravita em redor de uma instituição assistencial, A recuperação do património urbanístico do Hospital das Caldas até 1533.** Lisboa: Universidade Aberta, 2008. 254p. Dissertação de Mestrado

Ferreira, Catarina - **A estação termal das Caldas da Rainha no acórdar de 1900.** Coimbra: [s.n.], 2004. 115p. Prova Final apresentada ao Departamento de Arquitectura da FCTUC.

Cardielos, João Paulo - **A construção de uma arquitectura da paisagem: a importância da relação, no projecto, entre as arquitecturas de detalhe e as escalas de intervenção e estruturação do território.** Coimbra: Faculdade de Ciências e tecnologias, 2009. 1º vol. Tese de Doutoramento



## BIBLIOGRAFIA

Gonçalves, Carlos - **Expansão Urbana e Mercado Imobiliário: a cidade das Caldas da Rainha como Laboratório**. Lisboa: Faculdade de Letras, 2009. 352p. Tese de Mestrado em Geografia

Gonçalves, Rafaela Naia - **beyond delirious**. Coimbra: Faculdade de Ciências e tecnologias, 2011. 163p. Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

Providência, Paulo - **Arquitectura da estação termal no séc. XIX : representação e experiência**. Coimbra: Faculdade de Ciências e tecnologias, 2007. Tese de Doutoramento

### Referências Eletrónicas

Jacob Bacharach - **The Bilbao Effect**. [consult. 22 Novembro 2001]  
Disponível na internet: <http://www.newcolonist.com/bilbao.html>

Jane Szita - **The Bilbao Effect**. [consult. 22 Novembro 2001]  
Disponível na internet: <http://www.dwell.com/articles/the-bilbao-effect.html>

<http://www.dgotdu.pt/> [consult. 27 Novembro 2001]

<http://www.snit.pt/> [consult. 27 Novembro 2001]

<http://politicadecidades.dgotdu.pt/> [consult. 30 Novembro 2001]

<http://www.oestecim.pt/> [consult. 30 Novembro 2001]

[http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL\\_MCR](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR) [consult. 1 Novembro 2001]

### Arquivos e Departamentos Oficiais

Arquivo Histórico - Museu do Hospital e das Caldas (AH-MHC)

Plano Director Municipal de Caldas da Rainha - VÃO, associados



## FONTE DE IMAGENS.

GT Luís Aires coord. - Caldas da Rainha: património das águas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. p.74.

Mangorrinha, Jorge; Pinto Helena - O Desenho das Termas: História da Arquitectura Termal Portuguesa. 1ª ed. Odivelas: 2009. p.101.

Barros, Luís Aires coord. - Caldas da Rainha: património das águas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. p.107

Barros, Luís Aires coord. - Caldas da Rainha: património das águas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. p.111

Duarte, Miguel - Uma vila que gravita em redor de uma instituição assistencial, A recuperação do património urbanístico do Hospital das Caldas até 1533. Lisboa: Universidade Aberta, 2008. p.181.

Duarte, Miguel - Uma vila que gravita em redor de uma instituição assistencial, A recuperação do património urbanístico do Hospital das Caldas até 1533. Lisboa: Universidade Aberta, 2008. p.184.

Duarte, Miguel - Uma vila que gravita em redor de uma instituição assistencial, A recuperação do património urbanístico do Hospital das Caldas até 1533. Lisboa: Universidade Aberta, 2008. p.187.

Duarte, Miguel - Uma vila que gravita em redor de uma instituição assistencial, A recuperação do património urbanístico do Hospital das Caldas até 1533. Lisboa: Universidade Aberta, 2008. p.191.

Vasco Trancoso - Caldas da Rainha Um contributo iconografico através do bilhete postal ilustrado editado até meados do século XX. Lisboa:Edições ELO, 1999. p. 102.

Vasco Trancoso - Caldas da Rainha Um contributo iconografico através do bilhete postal ilustrado editado até meados do século XX. Lisboa:Edições ELO, 1999. p. 37.

Barros, Luís Aires coord. - Caldas da Rainha: património das águas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. p.115.

Montez, Paulino - Caldas da Rainha; Um Plano de Extensão, de Regularização e de Embelezamento da Cidade. Lisboa, Colecção Estudos de Urbanismo em Portugal, 1941. p21.

Montez, Paulino - Caldas da Rainha; Um Plano de Extensão, de Regularização e de Embelezamento da Cidade. Lisboa, Colecção Estudos de Urbanismo em Portugal, 1941. p20.

Montez, Paulino - Caldas da Rainha; Um Plano de Extensão, de Regularização e de Embelezamento da Cidade. Lisboa, Colecção Estudos de Urbanismo em Portugal, 1941. p20.

<http://195.23.12.204/DeepZoom.aspx?source=1&ent=924>



## FONTE DE IMAGENS.

<http://195.23.12.204/DeepZoom.aspx?source=1&ent=925>

Esquema de acessibilidade por via rápida na região de C. da Rainha efectuado por João Aboim

Barros, Luís Aires coord. - Caldas da Rainha: património das águas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. p.207.

Barros, Luís Aires coord. - Caldas da Rainha: património das águas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. p.207.

Barros, Luís Aires coord. - Caldas da Rainha: património das águas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. p.210.

Barros, Luís Aires coord. - Caldas da Rainha: património das águas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. p.212.

Mangorrinha, Jorge - Pavilhões do parque, Património e termalismo nas Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: Edição centro hospitalar Caldas da Rainha, 1999. p.53.

Mangorrinha, Jorge - Pavilhões do parque, Património e termalismo nas Caldas da Rainha. Caldas da Rainha: Edição centro hospitalar Caldas da Rainha, 1999. p.42.

Barros, Luís Aires coord. - Caldas da Rainha: património das águas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. p.218.

Montez, Paulino - Caldas da Rainha; Um Plano de Extensão, de Regularização e de Embelezamento da Cidade. Lisboa, Colecção Estudos de Urbanismo em Portugal, 1941 (3). p.22.

Barros, Luís Aires coord. - Caldas da Rainha: património das águas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. p.229.

Barros, Luís Aires coord. - Caldas da Rainha: património das águas. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. p.220.

<http://www.pbase.com/diasdosreis/image/117136278>

<http://www.pbase.com/diasdosreis/image/2185881>



CENTRO CULTURAL



ESTÂNCIA TERMAL



NÚCLEO MUSEOLÓGICO



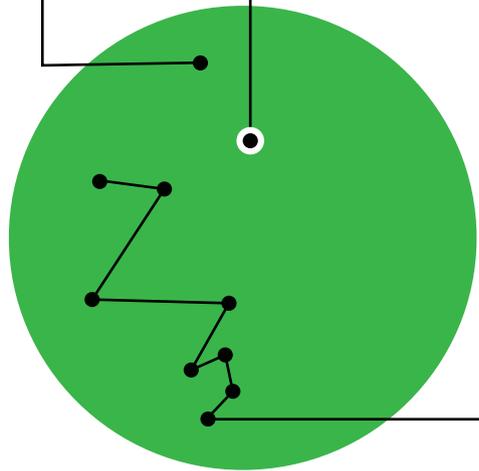
NOVO PARQUE URBANO



SILOS

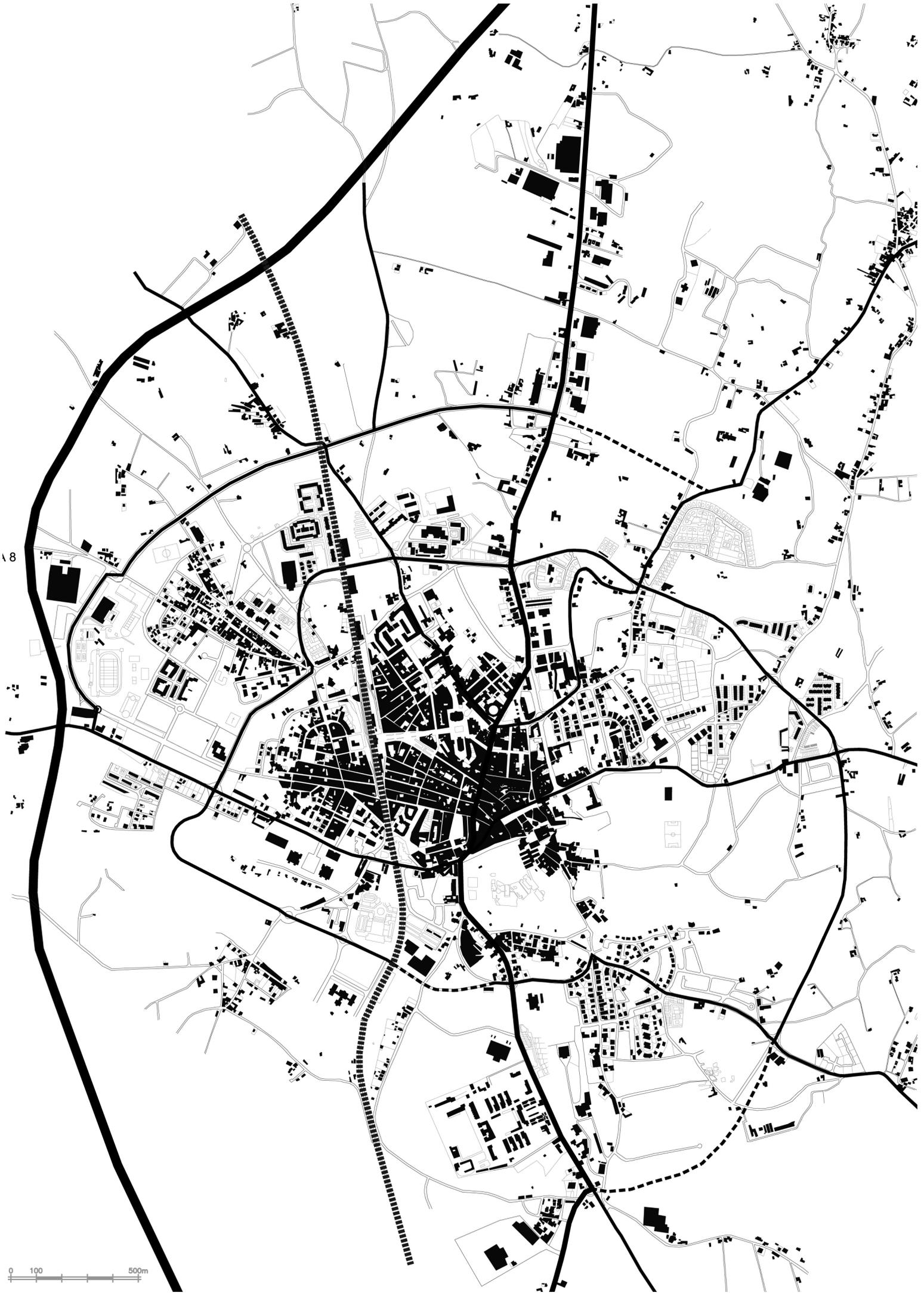


ESAD.CR



# OBJECTOS ICÓNICOS NA CIDADE





18

0 100 500m